

DANÉIA INÊS ANDRES

**PROCEDIMENTOS PARA ELABORAÇÃO DO PLANEJAMENTO
ORÇAMENTÁRIO DOMÉSTICO E DO CONTROLE DE GASTOS E
RECEITAS PARA UMA EFICIENTE GESTÃO FINANCEIRA FAMILIAR**

Monografia apresentada como requisito
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Ciências Contábeis da
Universidade de Caxias do Sul

Orientador: Prof. Dr. Roberto Biasio

Caxias do Sul

2010

APROVAÇÃO

DANÉIA INÊS ANDRES

PROCEDIMENTOS PARA ELABORAÇÃO DO PLANEJAMENTO ORÇAMENTÁRIO DOMÉSTICO E DO CONTROLE DE GASTOS E RECEITAS PARA UMA EFICIENTE GESTÃO FINANCEIRA FAMILIAR

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul.

Banca examinadora:

Presidente/orientador

Dr. Roberto Biasio - UCS

Examinadores

- UCS

- UCS

Trabalho apresentado e aprovado pela banca examinadora em ____/____/____

DEDICATÓRIA

A todos vocês, que sempre estiveram ao meu lado, incentivando-me, em especial meu pai Egon e minha mãe Senira, que muito contribuíram para que este trabalho atingisse seus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus agradecimentos a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que este trabalho fosse realizado. Em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Roberto Biasio, pela sua competência e orientação durante todo o desenvolvimento desta monografia. Agradeço, de forma toda especial, aos meus pais Egon e Senira, pelo amor, compreensão e apoio dedicados, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

PENSAMENTO

Sem sonhos, a vida não tem brilho.
Sem metas, os sonhos não têm alicerces.

Sem prioridades, os sonhos não se tornam reais.

Sonhe, trace metas, estabeleça prioridades e corra riscos para executar seus sonhos.

Melhor é errar por tentar do que errar por omitir.

Augusto Cury

RESUMO

A gestão financeira familiar é uma questão presente na vida das pessoas, não importando a classe social, todos mantêm uma preocupação com a situação das suas finanças. Administrar e planejar a vida financeira exige objetivos determinados, perseverança e trabalho constante. O controle do orçamento familiar é de extrema importância para ter conhecimento da real situação em que a família se encontra. A maioria das famílias não faz um orçamento, não guarda dinheiro para atingir suas metas, toma decisões de compra sem refletir e essas questões financeiras muitas vezes são responsáveis por desentendimentos familiares. Com base nisso, realizou-se esta pesquisa que busca responder a seguinte pergunta: Quais os procedimentos que as pessoas devem seguir para elaborar adequadamente um planejamento orçamentário doméstico e um controle de gastos e de receitas para uma eficiente gestão financeira familiar? Para responder essa questão, elaborou-se uma pesquisa bibliográfica de artigos publicados e livros que tratam do tema pesquisado. Também se buscou identificar as ferramentas que são utilizadas na gestão financeira pessoal e evidenciar a sua aplicação. O estudo apresenta os pontos principais que devem ser considerados na elaboração do orçamento doméstico. Complementarmente, o estudo levanta as principais alternativas utilizadas para o controle de gastos e de receitas que possibilitam as pessoas desenvolverem uma gestão financeira pessoal adequada. Concluiu-se que existem procedimentos simples a serem seguidos, mas que têm uma importância fundamental, ou seja, a simples não observação de um detalhe distorce todo um planejamento que pode levar muito tempo para ser recuperado. A conscientização em busca do equilíbrio financeiro por parte do gestor familiar é indispensável. Porém, o sucesso da gestão depende de todos os componentes do grupo familiar, não somente do gestor. Certamente, esse estudo contribui com o esclarecimento sobre formas de gerenciar a vida financeira familiar, possibilitando que as pessoas tenham um mínimo de instrução financeira. O presente estudo também demonstra que existe uma preocupação por parte das autoridades e das instituições financeiras com a falta de habilidades financeiras das pessoas, sendo desenvolvidos projetos em busca de soluções com o propósito de aproximar a educação financeira da população num todo.

Palavras-chave: Gestão financeira familiar. Orçamento doméstico. Controle de gastos e de receitas. Educação financeira.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	IMPORTÂNCIA DO ESTUDO	9
1.2	QUESTÃO DE PESQUISA	10
1.3	OBJETIVOS	11
1.3.1	<i>Objetivo geral</i>	11
1.3.2	<i>Objetivos específicos</i>	11
1.4	METODOLOGIA	11
1.5	ESTRUTURA DO ESTUDO	12
2	GESTÃO FINANCEIRA FAMILIAR	13
2.1	CONCEITO E SUA IMPORTÂNCIA	13
2.2	PLANEJAMENTO ORÇAMENTÁRIO DOMÉSTICO	15
2.2.1	<i>Conceito de planejamento e orçamento familiar</i>	15
2.2.2	<i>Objetivos do orçamento doméstico</i>	17
2.2.3	<i>A quem se destina</i>	17
2.2.4	<i>Vantagens e limitações</i>	18
2.2.5	<i>Dificuldades em elaborar um orçamento</i>	19
2.3	ETAPAS DE UM ORÇAMENTO DOMÉSTICO	20
2.3.1	<i>Elaboração</i>	20
2.3.2	<i>Implementação</i>	23
2.3.3	<i>Análise e acompanhamento</i>	23
3	CONTROLE DE GASTOS E RECEITAS	26
3.1	CONCEITO DE GASTOS E RECEITAS	26
3.2	TIPOS DE GASTOS	27
3.2.1	<i>Gastos fixos</i>	27
3.2.2	<i>Gastos variáveis</i>	27
3.2.3	<i>Gastos arbitrários</i>	28
3.3	DÍVIDAS	29
3.3.1	<i>Conceito de dívidas</i>	29
3.3.2	<i>Possíveis causas de dívidas</i>	29
3.3.3	<i>Analisando as dívidas</i>	31
3.4	ALTERNATIVAS DE FINANCIAMENTO – TIPOS DE CRÉDITOS	33
3.5	APLICANDO AS SOBRAS	38

3.5.1	<i>Gerenciado investimentos</i>	38
3.5.2	<i>Analisando os riscos</i>	39
3.5.3	<i>Principais tipos de investimentos</i>	41
4	EDUCAÇÃO FINANCEIRA CONTRIBUINDO PARA A GESTÃO DO DINHEIRO NA VIDA DAS FAMÍLIAS	45
4.1	CONCEITO DE DINHEIRO E SUA IMPORTÂNCIA	45
4.2	APRENDER A LIDAR COM O DINHEIRO	46
4.3	O QUE ENSINAR AOS FILHOS SOBRE DINHEIRO	48
4.4	IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA	49
4.4.1	<i>Para crianças</i>	49
4.4.2	<i>Para jovens</i>	51
4.4.3	<i>Para adultos</i>	53
4.5	CONSULTORIA FINANCEIRA FAMILIAR COMO FERRAMENTA UTILIZADA NA GESTÃO FINANCEIRA PESSOAL.....	55
4.5.1	<i>Conceito e surgimento da consultoria financeira familiar</i>	55
4.5.2	<i>De que forma a consultoria financeira ajuda as pessoas</i>	57
4.5.3	<i>O que é importante na escolha do consultor</i>	58
4.6	CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA	59
5	CONCLUSÃO	61
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
	ANEXO A – MODELO DE PLANILHA DE ORÇAMENTO PESSOAL – BM&F BOVESPA	66
	ANEXO B – MODELO DE PLANILHA DE ORÇAMENTO FAMILIAR MENSAL - FINANCENTER	67

1 INTRODUÇÃO

1.1 IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

A gestão financeira familiar é uma questão importante para todas as famílias, principalmente para as que apresentam desequilíbrio financeiro, contendo muitos aspectos que são desconhecidos de muitos gestores familiares, requerendo um estudo sobre a busca de alternativas para auxiliar no planejamento.

As pessoas têm sonhos, cuja grande maioria envolve a necessidade de recursos financeiros para serem realizados, e para se aproximar desses objetivos é fundamental planejar a vida financeira. Manter um controle sobre o orçamento doméstico é o primeiro passo. A maioria das famílias não faz um orçamento, não guarda dinheiro para atingir suas metas, não tem planos para a manutenção do seu padrão de vida no futuro, toma decisões de compra sem refletir e investe mal o dinheiro que suaram tanto para ganhar. Quem não tem um vizinho ou algum familiar que esteja constantemente em desequilíbrio financeiro?

As dificuldades financeiras são um dos maiores detonadores de brigas conjugais, provocando muitas vezes separações e tendo como causa a falta de conversa em família sobre dinheiro. Esses casais, se tivessem uma vida financeira planejada e com objetivos, conseguiriam gerenciar bem suas finanças e poderiam desfrutar de uma vida sem privações.

A existência dessas situações, somadas ao momento atual, em que as questões financeiras estão se tornando assunto em destaque em alguns jornais, bem como projetos de inclusão da educação financeira nas escolas públicas estão sendo aplicados em seis estados brasileiros, entende-se que é de extrema importância evidenciar procedimentos que as pessoas devem seguir para elaborarem adequadamente um planejamento orçamentário doméstico e um controle de gastos e de receitas para uma eficiente gestão financeira familiar.

A realização do estudo aqui proposto também é importante na medida em que vai orientar os pais a como ensinar os filhos a lidar com o dinheiro, pois seu papel é fundamental nesse processo da relação das crianças com o dinheiro e tudo começa com a mesada. Além disso, o estudo apresenta comentários sobre educação financeira para todas as idades. Muitas pessoas se preocupam excessivamente com dinheiro e não com sua maior riqueza que é a educação. O dinheiro, sem a

inteligência financeira, é dinheiro que desaparece depressa e exemplos disso não faltam: pessoas que ganham prêmios milionários e acabam perdendo tudo por falta de conhecimentos e orientação.

1.2 QUESTÃO DE PESQUISA

A gestão financeira familiar está presente na vida de todas as pessoas, não importando a classe social, pois todos mantêm uma preocupação com a situação das suas finanças. Esse tema envolve várias questões, porém, definiu-se delimitar o mesmo na orientação do planejamento orçamentário doméstico e no controle de gastos e de receitas.

A escolha se justifica pelo fato de muitas famílias não fazerem um orçamento, não guardarem dinheiro para atingir suas metas, tomando decisões de compra sem refletir, enfim, estarem em constante desequilíbrio financeiro. Torna-se necessária uma educação financeira para todos os componentes da família, mas principalmente para os jovens, por estarmos em uma época na qual eles se vêem diante de mais tentações do que nunca, além de que, ensinar aos filhos sobre administração financeira contribuirá com o desenvolvimento de um planejamento financeiro familiar responsável.

Com base na delimitação do tema de pesquisa proposto, a questão de pesquisa que o estudo pretende responder é: Quais os procedimentos que as pessoas devem seguir para elaborarem adequadamente um planejamento orçamentário doméstico e um controle de gastos e de receitas para uma eficiente gestão financeira familiar? Embora já existam várias ferramentas de orientação como consultorias financeiras pessoais, ainda existem muitas pessoas que não conseguem administrar seu orçamento, que gastam além das suas possibilidades e sempre estão em apuros, situação causada muitas vezes pela falta de conhecimento e de informação. As pessoas, de modo geral, não são disciplinadas em relação ao uso do dinheiro. Diante disso, responder essa questão de pesquisa é muito importante.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 *Objetivo geral*

Evidenciar quais os procedimentos que as pessoas devem seguir para elaborarem adequadamente um planejamento orçamentário doméstico e um controle de gastos e de receitas para uma eficiente gestão financeira familiar.

1.3.2 *Objetivos específicos*

- Fazer o levantamento bibliográfico relacionado à gestão financeira familiar.
- Verificar quais os pontos principais que devem ser considerados na elaboração do orçamento doméstico.
- Levantar as principais alternativas utilizadas para o controle de gastos e receitas que possibilitem as pessoas desenvolverem uma gestão financeira pessoal adequada.
- Identificar ferramentas que são utilizadas na gestão financeira pessoal e evidenciar a sua aplicação.

1.4 METODOLOGIA

O método de pesquisa a ser utilizado é a pesquisa bibliográfica, buscando-se, através de levantamentos dos assuntos relacionados ao tema a ser pesquisado, orientar a todas as classes sociais no planejamento orçamentário doméstico e no controle de gastos e receitas para uma eficiente gestão financeira familiar.

Conforme Mattar (1997) as pesquisas bibliográficas são as mais rápidas e econômicas para amadurecer ou aprofundar um problema de pesquisa, através do conhecimento de trabalhos já efetuados por outros, via levantamento bibliográfico. A pesquisa bibliográfica tem como principal vantagem o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Gil (1999) cita que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa

bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto e abrange a leitura, análise e interpretação de textos.

1.5 ESTRUTURA DO ESTUDO

O estudo é relevante porque permite orientar as pessoas de forma simplificada sobre procedimentos e alternativas em relação à gestão financeira familiar, para que estendam seus conhecimentos financeiros e passem a planejar estrategicamente suas finanças.

O estudo é descrito em cinco capítulos, sendo que no primeiro encontra-se a introdução, em que estão apresentados a importância do estudo, a questão de pesquisa e os objetivos a serem alcançados.

No segundo capítulo serão apresentados conceitos, vantagens e procedimentos para uma eficiente gestão financeira familiar. Esse capítulo tem como objetivo evidenciar a necessidade e os passos das etapas do orçamento, para um planejamento orçamentário doméstico adequado.

O terceiro capítulo se refere ao controle de gastos e receitas. Inicialmente serão abordados os tipos de gastos e as dívidas, em seguida será feita uma análise das alternativas de financiamento e como aplicar as sobras. O objetivo desse capítulo é demonstrar as diversas situações que envolvem os ganhos e as perdas do patrimônio familiar.

No quarto capítulo serão abordadas as formas de lidar com o dinheiro e a importância da educação financeira para as pessoas. Também será apresentada a consultoria financeira familiar como ferramenta alternativa na orientação das finanças pessoais e familiares.

No quinto e último capítulo serão apresentadas as principais conclusões geradas a partir da pesquisa realizada. Ao concluir o estudo pretende-se ter atingido os objetivos estabelecidos para essa pesquisa, ou seja, evidenciar procedimentos que as pessoas devem seguir para elaborarem adequadamente um planejamento orçamentário doméstico e um controle dos gastos e das receitas para uma eficiente gestão financeira familiar.

2 GESTÃO FINANCEIRA FAMILIAR

2.1 CONCEITO E SUA IMPORTÂNCIA

A família, assim como as demais entidades sociais, possui um patrimônio e deve se preocupar com o controle do mesmo para acompanhar a variação da sua riqueza. Para isso, deve utilizar o planejamento, o orçamento e definir todos os controles necessários para executar e observar os fatos que promovem alteração no patrimônio. Conforme D'Auria (1957, p. 109):

Na vida social, e conseqüentemente na família, é imprescindível o uso da riqueza para a satisfação das exigências vegetativas e de relação entre pessoas. Os meios materiais da riqueza, as formas da sua representação, - a moeda e o crédito; - a produção, a troca e o consumo e a poupança desses meios, por manifestações de vontade dentro das normas jurídicas, formam na composição patrimonial e entram na realização das operações da espécie econômico-administrativa.

Com a constituição da família, verifica-se uma nova sociedade que deve ser gerida e estruturada para atingir, além dos seus objetivos sentimentais, os financeiros e econômicos. Gestão é sinônimo de administração. Administrar o lar é organizar recursos para atingir os resultados que a entidade familiar estabeleceu em suas metas.

A gestão financeira familiar é um tema multidisciplinar, que exige conhecimentos tanto de mercado e ferramentas financeiras, quanto de comportamento humano e sociologia. Em muitos casos a orientação deve estar voltada mais para o comportamento das pessoas do que para a organização de números. Cada ser humano pensa e age de forma diferente e tal diversidade reflete diretamente em suas atitudes e comportamento em relação às finanças pessoais.

Conforme Frankenberg (2003, p. 31):

O planejamento financeiro de uma pessoa e de sua família para uma vida inteira não é, de maneira alguma, um conceito rígido e inflexível. Ao contrário. Cada um pode estabelecer metas para si próprio. Mas, uma vez que as defina, deve sempre mantê-las em sua mente e lutar com determinação para alcançá-las.

O mesmo autor argumenta que planejamento financeiro familiar significa estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família.

Em países adiantados como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e o Japão, os conceitos do planejamento financeiro pessoal e familiar são amplamente difundidos há muitos anos. Já no Brasil foi somente depois da estabilização da economia, a partir de meados de 1994, que se começou a tomar consciência da importância do planejamento financeiro pessoal. Os muitos anos de inflação descontrolada fizeram com que a maioria das pessoas perdesse a noção de como deveria conduzir suas finanças pessoais. Com a consolidação da estabilidade econômica, o brasileiro ganhou a possibilidade de planejar a sua vida financeira por prazos mais longos, como acontece nos países desenvolvidos. Antes, o primordial para as famílias era driblar a alta dos preços.

O planejamento financeiro familiar tem sua importância no fato de ajudar o indivíduo e sua família a aumentar suas probabilidades de alcançar a tão sonhada tranquilidade econômico-financeira, que propicia menores preocupações e estresse, vida pessoal mais estável, conforto, bem-estar, enfim, qualidade de vida. Não é uma tarefa simples devido aos inúmeros imprevistos e incertezas da vida, pois fatores como crises financeiras são situações frequentes num mundo cada vez mais globalizado. Fazer um planejamento e desenvolver uma educação financeira é uma boa estratégia para não cair em armadilhas financeiras.

De acordo com Cerbasi (2004, p. 30):

Os problemas financeiros familiares decorrem de decisões ou escolhas ruins. Se vocês enfrentam dificuldades dessa natureza, a culpa não é dos juros elevados dos bancos, mas sim de um padrão de vida elevado demais para a renda da família. Vocês devem hoje em razão de uma compra feita no passado em um momento em que não havia dinheiro para isso. Os erros financeiros são verdadeiras armadilhas. Caímos facilmente nelas por pura ingenuidade; depois, vivemos um verdadeiro pesadelo que pode durar meses ou anos.

Uma crise financeira pessoal é um problema sério para qualquer pessoa, seus efeitos causam depressão, baixo-estima, ansiedade e enfraquecimento da saúde. A melhor arma para combatê-la é a prevenção, adotando algumas medidas. Em uma família encontram-se diferenças, um é mais organizado, outro é mais resistente à frustração, por isso aquele que reúne mais características favoráveis

deve ser o administrador para organizar e controlar as contas, não esquecendo que as decisões devem ser de todos os envolvidos.

Um bom administrador tem uma vida financeira saudável, sem dívidas, e ainda consegue poupar para realizar seus sonhos. Sabe o que quer e tem controle de suas emoções para não sair do seu planejamento. Vê o dinheiro como um meio de troca que lhe permite atingir seus objetivos com liberdade de escolha e capacidade de negociação. Dá preferência para pagamentos à vista e utiliza o crédito conscientemente, sem se endividar. (TOLEDO, 2010, p. 11).

2.2 PLANEJAMENTO ORÇAMENTÁRIO DOMÉSTICO

Para uma eficiente gestão é imprescindível o conhecimento da formação do núcleo familiar e dos meios econômicos que o regem. A economia doméstica é formada por um agregado de bens que é o patrimônio familiar e de movimento financeiro que corresponde às receitas e despesas. Organizar essas contas de forma a identificar as falhas e possíveis soluções é fundamental para se obter resultados satisfatórios. O planejamento será o seu mapa e o seu guia, pois mostrará onde você está, aonde quer chegar e indicará os caminhos a percorrer.

Segundo Cerbasi (2004, p. 73):

O primeiro passo para a independência financeira é gastar menos do que se ganha, controlando o orçamento doméstico. A seguir, traçar um plano que defina quanto poupar por mês, e durante quanto tempo, para chegar à renda que vocês pretendem ter na aposentadoria. Se, além disso, conseguirem fazer sobrar mais do que precisam para cumprir as metas do plano, no final do mês haverá dinheiro sobrando na conta.

2.2.1 *Conceito de planejamento e orçamento familiar*

Planejamento, além da ideia de programação e organização, envolve a determinação de objetivos e metas, como também da coordenação de meios e recursos para atingi-los. O planejamento financeiro busca um futuro desejado. Significa estabelecer e seguir uma estratégia precisa (onde estou e aonde quero chegar), dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família.

Ares (2010) define planejamento financeiro como um processo racional de administrar a renda, os investimentos, as despesas, o patrimônio, as dívidas,

objetivando tornar realidade sonhos, desejos e objetivos. Afirma que fazer o planejamento será uma excelente oportunidade para mudar hábitos e assumir as rédeas do orçamento, do dinheiro. E se, quando feito o planejamento, a pessoa adotar o hábito do orçamento familiar, isso permitirá controlar mensalmente se atingiu os objetivos e metas. Argumenta que a utilização do orçamento familiar facilitará, também, as próximas declarações anuais de imposto de renda, pois terá os ganhos e despesas organizados.

Para Frankenberg (2003, p. 41), “a ciência do planejamento financeiro pessoal, por mais complexa que possa parecer, sempre volta ao princípio básico: é preciso ter reservas para enfrentar os momentos difíceis da vida. Quanto maiores as reservas, melhor.”

Orçar é o ato de estimar, calcular, computar. Porém, o orçamento familiar não é apenas anotar as despesas realizadas, mas envolve planejar, eleger prioridades e controlar seu fluxo de caixa. O orçamento irá ajudar a entender os hábitos de consumo da família. Para Godfrey e Edwards (2007, p. 63), “digo aos meus filhos que um bom orçamento permite que você pague pelo que precisa gastar e economize para o que deseja comprar.”

A gestão financeira familiar tem como base o planejamento do orçamento doméstico. Segundo Schenini e Bonavita (2004) são as despesas que realizamos no dia a dia com a nossa sobrevivência, nosso conforto, nossas necessidades e as daqueles com quem vivemos, enfim, que tomam a maior parte daquilo que conseguimos com o trabalho. Fazer o orçamento familiar é o primeiro passo na gestão das finanças pessoais, sendo a única forma de disciplinar os hábitos financeiros, de alocar as disponibilidades financeiras da forma mais eficiente possível e de refletir periodicamente sobre o patrimônio sem viver obcecado com o dinheiro.

Na avaliação de Luquet e Assef (2006, p. 14-15):

Sem orçamento, você simplesmente não sabe para onde vai o seu dinheiro. Orçamento é algo simples que vale muito, mas é impressionante como são poucas as pessoas que o levam a sério. Para planejá-lo, não é preciso um computador último tipo, um software de ponta, nem nada parecido. Com um lápis e papel você pode fazer seu orçamento, que, resumidamente, é definir quanto ganha e quanto gasta.

A maior angústia da maioria das pessoas é descobrir onde vai parar o salário que suam tanto para ganhar. Muitas delas não se dão conta do bom dinheiro que escorre pelas suas mãos diariamente, e enxergar para onde vai cada centavo é o segredo para fazer o dinheiro sobrar no fim do mês.

2.2.2 Objetivos do orçamento doméstico

Para muitas pessoas o orçamento é visto como algo desagradável e que é quase impossível conseguir acompanhar. Porém, ele não pode ser um instrumento de tortura e sim de ajuda, ao gerenciar o dinheiro de forma mais efetiva. Através do orçamento as pessoas descobrem de onde vem e para onde está indo seu dinheiro, assim podem planejar dívidas e comprar o que podem pagar. Na vida é preciso fazer escolhas porque não dá para ter tudo. De acordo com Luquet e Assef (2006, p. 14), “com sua planilha de orçamento à mão, você conseguirá fazer as melhores escolhas.”

O objetivo do orçamento doméstico é dar uma visão dos negócios familiares e facilitar a correta utilização das receitas e aplicação adequada desses recursos. Em outras palavras, é cobrir as despesas e economizar para comprar alguma coisa especial. Conforme Schenini e Bonavita (2004, p. 83), “um orçamento doméstico levado a sério mostra que sua família está comprometida em melhorar de vida. Qual a pessoa saudável que não deseja isso? Afinal, melhorar de vida significa viver melhor, ser mais feliz!”

O orçamento ajudará a estabelecer um padrão de comportamento, através do qual poderão ser feitas análises para verificar se os dados reais estão de acordo com o que foi projetado.

2.2.3 A quem se destina

O orçamento doméstico se destina a qualquer unidade familiar que busca melhorar a sua situação financeira. A seguir estão descritos algumas situações em que existe a necessidade de se buscar alternativas para organizar adequadamente o orçamento doméstico.

Há quem quer se disciplinar para ter um futuro financeiro de tranquilidade: pessoas que buscam uma qualidade de vida devem se educar financeiramente para não cair nas várias armadilhas que o mundo globalizado traz.

Há famílias diante de algum evento específico: imagine uma situação fora do comum, uma comemoração, uma festa de formatura, por exemplo. É preciso analisar os recursos necessários para que não falte nada e não se contraia dívidas.

Há superendividados: para que voltem a ter sossego e consigam aos poucos se afastar das dívidas contraídas.

Há aqueles que querem fazer um novo investimento: para adquirir algum imóvel ou algo especial há a necessidade de verificar se esta é a hora certa de fazê-lo, sendo necessário também a disponibilidade e o apoio de todos os membros da família.

Há empresários, executivos e profissionais liberais que não possuem tempo para organizar, controlar e monitorar suas finanças pessoais diariamente: com o orçamento doméstico elaborado em um momento, em seguida é só verificar de vez em quando para ver se o que foi estimado está sendo executado.

Pereira (2001) menciona que o orçamento pessoal é fundamental para quem quer viver com abundância, pois é ele que vai organizar as despesas e receitas que determinarão o estilo de vida da pessoa. A proposta é que sejam feitos os cálculos do estilo de vida que já se tem e se quer manter ou do estilo de vida que se quer vir a ter. Segundo Frankenberg (2003, p. 34):

Algumas pessoas colocam a parte financeira como primeira prioridade em sua vida; para outras, esse aspecto é tão irrelevante que nem é digno de ser mencionado. A consequência dessa diferença é evidente. Para os indivíduos do último grupo, alcançar a riqueza não é prioridade. Mas podem, é claro, também alcançar pleno sucesso financeiro por meio das atividades que irão exercer. Entretanto, a probabilidade de alcançar a tranquilidade financeira será maior para as pessoas que pensam no assunto de maneira consciente e contínua e, simultaneamente, dirigem sua vida para o objetivo de ficar ricas.

2.2.4 *Vantagens e limitações*

Em relação a limitações podem ser mencionadas as crescentes mudanças que acontecem no cenário econômico, como crises financeiras e variações cambiais, fatores externos que dificultam prever um orçamento doméstico. Também é difícil

prever despesas e receitas não fixas, por ser feito com base em estimativas, sendo necessário prevê-las da forma mais realista possível. Outra limitação é que o plano só será eficaz quando todos os envolvidos o apoiarem e exercerem esforços no sentido de sua execução.

Quanto às vantagens de um planejamento orçamentário doméstico, pode-se citar as seguintes:

- a) estabelece objetivos realistas e obriga a análise antecipada das decisões básicas;
- b) obriga todos os membros da família a participar, fazendo planos em harmonia;
- c) evita o consumo desnecessário, facilitando o depósito mensal na poupança. Quem não tem um planejamento, um foco no que deseja, não prioriza a poupança mensal e gasta tudo o que recebe;
- d) evita o pagamento de juros para aquisição de bens de consumo. Sem pagar juros o dinheiro rende mais;
- e) permite a negociação na compra com pagamento à vista, gerando mais economia;
- f) é flexível e pode ser sempre ajustado a uma nova realidade, antecipando ou prolongando o prazo de aquisição sem gerar impactos no orçamento;
- g) gera sensação de bem-estar, pois permite alcançar os objetivos com economia e sem gerar dívidas.

2.2.5 Dificuldades em elaborar um orçamento

Segundo Pereira (2001, p. 162), “minha experiência tem demonstrado que, na prática, menos de 30% dos brasileiros fazem orçamento pessoal, independentemente da classe sócio-econômica.”

A palavra orçamento está associada a corte e escassez e, portanto, a sofrimento. Isso porque a maioria das pessoas vive com receitas menores do que gostariam, e fazer o orçamento é escolher onde cortar. Todo corte dói e machuca, então o corpo e a mente, mesmo sabendo que é preciso fazer o orçamento, não o fazem para evitar sofrimento antecipado. Para outra parcela menor de pessoas, com receita maior que as despesas, orçamento é coisa para pobre, para quem vive

apertado, e como não tem a necessidade de fazer cortes, acham que não precisam de orçamento pessoal.

Muitas vezes o orçamento não faz parte do diálogo das famílias, sendo a principal causa de desentendimentos entre casais. Cerbasi (2004) menciona que o problema é que não se conversa a dois sobre dinheiro de forma preventiva, mas só quando a bomba já estourou e a briga se torna inevitável. O mesmo autor argumenta que em questões de dinheiro, as pessoas procuram ajuda quando custará mais caro buscar a solução, podendo ser tarde demais para salvar o relacionamento. Esses casais, caso tivessem uma vida financeira planejada e com objetivos, conseguiriam gerenciar bem suas finanças e poderiam desfrutar de uma vida sem privações.

2.3 ETAPAS DE UM ORÇAMENTO DOMÉSTICO

Conforme o economista e especialista em finanças pessoais, Everton Lopes, citado no *Jornal Zero Hora* (2010, p. 19): “administrar as finanças pessoais não depende do quanto você ganha no final do mês, e sim, de como você administra o que entra e sai do seu bolso.” No mesmo artigo é mencionado que uma pesquisa realizada pela Visa em 12 países aponta que o brasileiro não sabe o destino de um quarto de seus gastos semanais.

Anotar todas as contas pagas é uma arma de controle para o orçamento doméstico ficar em equilíbrio. O ideal é que isso seja feito diariamente ou pelo menos uma vez por semana. Com essas anotações é possível, no final do mês, fazer um levantamento do que foi gasto com cada setor. É recomendado realizar o orçamento mensal, porque a maior parte das despesas é mensal e por ser mais fácil identificar o total de gastos e entradas mensais.

2.3.1 *Elaboração*

A primeira etapa compreende o planejamento, a identificação das prioridades e o traçado dos objetivos. Para a confecção do orçamento pode-se utilizar programas de computador, bloco de notas, caderno, folhas ou outro meio qualquer, pois nesse momento o importante é a organização.

Conforme Schenini e Bonavita (2004, p. 82):

Elaborar um orçamento doméstico exige muito pouco do seu tempo e, em troca, lhe proporciona muitos resultados compensadores, porque mais do que ajudá-lo a alcançar seus objetivos, ele lhe propicia alegrias no meio do caminho. Cada vez que você atinge um objetivo intermediário, constata que está mais próximo de sua meta final, e aquela pequena conquista, ainda no meio do trajeto, se transforma em uma vitória.

O planejamento do orçamento doméstico deve começar por uma profunda reflexão sobre os valores compartilhados pela família, um diálogo franco entre os membros familiares sobre os anseios e desejos financeiros, identificando as prioridades, os sonhos, enfim, o que a família aspira. Segundo Pereira (2001, p. 162), “como o orçamento é a parte matemática e racional da vida, antes de começar os cálculos é de fundamental importância fazer uma reflexão sobre a vida que se quer levar no próximo mês ou no período que se vai orçar”.

Identificados os sonhos, o próximo passo é confrontá-los com a realidade da família naquele momento. Nesse instante quase sempre é constatada uma grande diferença entre o que se espera e o que se tem no momento. E como o dinheiro não é suficiente para concretizar os sonhos de todos, é preciso estabelecer prioridades. Essas variam conforme o estágio no ciclo de vida da família. Uma família jovem terá preocupações diferentes das de uma família em que os pais estejam na faixa dos cinquenta anos.

Superada a etapa da identificação das prioridades, é o momento de estabelecer objetivos. Traçar objetivos é saber aonde se quer chegar, o que se pretende alcançar e em quanto tempo. É importante lembrar que as metas não se realizam por si só, quase sempre um grande esforço e união são essenciais. Também é comum, de acordo com o tamanho da meta a ser concretizada, que as pessoas desanimem no meio do caminho. Para evitar isso, é importante definir objetivos intermediários entre o lugar em que se está e aquele a que se pretende chegar. Assim pequenas vitórias poderão ser conquistadas, mantendo igualmente aceso o propósito maior que se pretende realizar.

A vida é dinâmica e todos os dias fatos novos estão ocorrendo, por isso, os objetivos traçados precisam ser flexíveis, refletir o momento da família e estar abertos a imprevistos. Além disso, é necessário que sejam realistas, podendo ser ousados, pois é interessante lançar um desafio à família, um desafio difícil, porém não impossível de alcançar. Uma série de fatores externos como taxas de inflação e de câmbio, a situação geral da economia e o índice de desemprego devem ser

analisados para se tentar antever seu impacto no orçamento familiar, porque irão interferir no andamento do plano. Assim, é melhor antecipar-se e incorporá-los ao planejamento.

Segundo Cerbasi (2004, p. 60):

O planejamento financeiro familiar não pode ser complicado. Após dedicar algumas poucas horas a sua elaboração, basta fazer pequenos ajustes periódicos (talvez, semestralmente) nas metas para orientar a vida para o caminho da prosperidade. Tais ajustes seriam decorrentes de mudanças nos salários, na rentabilidade dos investimentos, na inflação e nos objetivos do plano.

Identificados os objetivos, é hora de montar a planilha do orçamento. Talvez o preenchimento no primeiro mês cause alguma dificuldade, porque deve haver despesas que se realizam e nem se percebe, cujo comportamento não se conhece bem. É provável que neste momento não se saibam os valores de cada tópico. Fazer o primeiro orçamento pessoal pode demorar alguns dias, até no máximo um mês.

Schenini e Bonavita (2004) citam que o ideal é sempre começar pelos itens mais importantes, de maior peso em seu orçamento e que provavelmente também serão os mais fáceis de registrar.

Sendo assim, primeiramente registram-se as entradas, que são os salários e gratificações, verificando se há outros rendimentos. Em seguida vem o mais difícil, que é relacionar as despesas. Mais difícil porque há muitos gastos cujo comportamento não é fácil de identificar, devendo-se ter cuidado com os reajustes, ou seja, aumentos nas contas, seus critérios e periodicidade. Os gastos mais simples de relacionar são os gastos fixos que se repetem todo mês. É preciso lembrar também das despesas extras e relacionar além dos gastos fixos, os variáveis e arbitrários. As receitas e despesas financeiras ficam por último, pois não são essenciais à vida.

Com a adoção desses procedimentos, rapidamente se terá elaborado um orçamento doméstico confiável para fundamentar o planejamento.

Quem tem renda variável, por ser autônomo, empresário ou funcionário comissionado, por exemplo, pode fazer seus planejamentos levando em consideração a média das suas receitas e despesas nos últimos doze meses.

2.3.2 *Implementação*

A implementação ou o fazer acontecer é tão ou mais importante que as avaliações, análises, discussões e a formulação de objetivos. Essa etapa exige determinação em seguir o que foi estimado na fase da elaboração.

De acordo com Schenini e Bonavita (2004, p. 82):

Na implementação do planejamento do orçamento doméstico, você passará a conhecer melhor todos os detalhes de seus rendimentos e despesas. Vai aprender a administrar os recursos e, conseqüentemente, a poupar. Parece pouco, mas ninguém o ensina a poupar; todo mundo no mercado quer incentivá-lo a consumir.

Os mesmos autores argumentam que o plano só vai funcionar se todos ficarem convencidos de que esse é o melhor caminho e que ele é possível, de modo que todos se comprometam com sua implementação e com seu sucesso, e que esse tipo de plano não funciona sob coação, sendo só bem-sucedido quando as pessoas o identificam como a ferramenta que lhes permite concretizar suas aspirações.

Não é tarefa fácil conseguir que todos na família passem a seguir rigorosamente os planos traçados. Sempre há aquele que tenta desviar e que precisa de uma maior atenção para que não prejudique e comprometa o orçamento.

2.3.3 *Análise e acompanhamento*

Essa última etapa consiste em avaliar os resultados das etapas anteriores para ver se esse é o caminho correto para atingir os objetivos traçados. Com o orçamento doméstico em dia, será possível analisar todas as suas contas e melhorar seu desempenho.

Frankenberg (2003) cita que o estado das finanças pessoais e familiares deveria ser periodicamente analisado com muito cuidado por meio de levantamentos nos quais os totais das receitas e despesas fossem incluídos. O mesmo autor argumenta que, com um levantamento mensal, se teria uma ideia precisa do estado em que elas se encontram, e se a pessoa ou família não está exagerando em seus gastos ou endividamento.

Entre os passos para a análise do orçamento mensal, podem-se citar os seguintes:

- a) examinar com atenção como gasta seu dinheiro: verificar a possibilidade de diminuir algumas despesas buscando outras alternativas;
- b) assumir a responsabilidade de que você é a causa de tudo que se relaciona com dinheiro: o controle está nas suas mãos, bastando você se direcionar para os objetivos e cuidando para não cair nas armadilhas do consumo exagerado;
- c) o uso do orçamento mensal lhe permitirá viver em abundância dentro de seus recursos: se você tiver anotado tudo que entra e sai do seu bolso e da sua família, terá praticidade em avaliar seu patrimônio familiar.

Diante dos resultados e das análises, será possível ver se é necessário ou não enxugar o orçamento, lembrando sempre que:

- a) mudanças requerem determinação e comprometimento: é um processo e todos precisam se adaptar, sendo recomendável mudar algumas atividades de rotina, porém de forma agradável, sem necessidade de eliminá-las;
- b) as reuniões para decidir sobre o orçamento devem ser objetivas e com foco em soluções: esse é um momento de unir forças para atingir um objetivo comum. Não adiantará passar horas discutindo para tentar achar o culpado. Somente com a união e o enfrentamento será possível reverter quadros de dívidas ou obter sucesso para poupar e investir.

De acordo com Toledo (2010, p. 16):

Percebemos que o segredo para conseguir enxugar o orçamento está na fase do método. Mesmo sem falar em números, a tomada de decisão é que fará a diferença. A decisão em família, com diálogo e clareza dos fatos e cada um assumindo a responsabilidade de mudar algumas atitudes, é que fará o orçamento acontecer como planejado. Se não houver clareza na hora da análise do que realmente deve ser reduzido ou eliminado, se essas decisões forem impostas e não negociadas, poderão surgir ressentimentos e a execução prática falhará.

Quanto ao acompanhamento do planejado versus realizado, ele visa monitorar, corrigir ou fazer ajustes necessários, considerando as características das pessoas participantes, bem como mudanças no cenário. Revisões e atualizações futuras, decorrentes de mudanças no estágio de vida, no mercado e nos objetivos, serão objeto de novo planejamento.

Uma boa técnica de acompanhamento para analisar as despesas é transformá-las em dias de trabalho. Segundo Schenini e Bonavita (2004, p. 86),

“calcule quantos dias você precisa trabalhar por ano para pagar cada uma das suas despesas. Com a aplicação dessa técnica, você vai sentir o peso de cada despesa no seu orçamento.”

3 CONTROLE DE GASTOS E RECEITAS

3.1 CONCEITO DE GASTOS E RECEITAS

Gastos são sacrifícios financeiros com os quais uma pessoa, uma organização ou um governo têm que arcar a fim de atingir objetivos, como a obtenção de um produto ou serviço qualquer, utilizados na obtenção de outros bens ou serviços. Sob a ótica contábil, gastos são sacrifícios financeiros com os quais uma pessoa, uma organização ou um governo, têm que arcar a fim de obter um produto, bem ou serviço qualquer.

Os gastos, para a contabilidade, são divididos em duas categorias: os custos e as despesas. Segundo Martins (2008, p. 24), “gasto – compra de um produto ou serviço qualquer, que gera sacrifício financeiro para a entidade (desembolso), sacrifício esse representado por entrega ou promessa de entrega de ativos (normalmente dinheiro)”. Toledo (2010) menciona que uma atitude para o dinheiro valer mais é prestar o máximo de atenção aos pequenos gastos.

Receita é a entrada monetária que ocorre em uma entidade ou patrimônio, em geral sob a forma de dinheiro ou de créditos representativos de direitos. Nas empresas privadas a receita corresponde normalmente ao produto de venda de bens ou serviços, chamado no Brasil de faturamento. Na entidade familiar consideram-se como receita todas as entradas, ou seja, salários recebidos, gratificações, auxílios e demais benefícios.

Muitas empresas pagam anualmente participação nos lucros, 14^o salário ou ainda um sistema de bonificação por produtividade, assim como pode haver uma atividade paralela como a venda de cosméticos e obtenção de lucros mensais. Esses valores extras são incorporados aos ganhos.

Conforme Toledo (2010, p. 29):

Não gaste por antecipação e planeje um investimento para colocar esses valores, compondo uma reserva financeira. Administre suas finanças sem contar com esses extras e só permita usar parte desse dinheiro depois que ele estiver de fato na conta e dentro de um planejamento feito com racionalidade e cautela.

3.2 TIPOS DE GASTOS

3.2.1 *Gastos fixos*

Os gastos que têm o mesmo montante todos os meses são os chamados gastos fixos. Geralmente são despesas necessárias de que não se pode desfazer-se da noite para o dia. Seus valores são pré-fixados e não sofrem alterações com tanta frequência, sendo quase sempre determinados para prazos de um ano. São exemplos: o aluguel, o condomínio, a mensalidade do colégio dos filhos, a faculdade, entre outros.

Esses tipos de gastos tendem a aumentar de períodos em períodos, pois seus valores não dependem do comportamento das pessoas para reduzi-los. Os aumentos são geralmente calculados com base na variação da economia do país.

3.2.2 *Gastos variáveis*

As contas que se paga todo mês e que podem ter valores diferentes são os gastos variáveis. Eles variam conforme o uso e consumo. Fazem parte dos gastos variáveis: a energia elétrica, o telefone, cartão de crédito, etc.

É importante reunir a família e insistir para que colaborem em tentar reduzir um pouco esses valores mensais. Se conseguirem cortar um pequeno percentual de cada uma dessas contas, poderão obter uma soma que servirá para dar início a um programa de investimentos. A seguir encontram-se dicas de como reduzir alguns gastos variáveis:

- a) energia elétrica: experimentar apagar a luz sempre que sair de um cômodo e ensinar os filhos a fazer o mesmo;
- b) telefone: utilizá-lo somente quando necessário e reduzir o tempo das ligações. É necessário ter cuidado com o celular, pois consome mais que o telefone fixo, controlando o telefone nas mãos de crianças e adolescentes;
- c) cartões de crédito: procurar deixar em casa quando sair, assim poderá se evitar cair em algumas tentações. Em mãos pouco cuidadosas com o orçamento, o cartão de crédito é uma navalha afiadíssima. O mesmo vale para os talões de cheques, quando deixarem de ser companhia constante, com certeza será verificada a redução de gastos;

- d) carro: de vez em quando é interessante ir ao trabalho de carona com amigos ou de ônibus, isso o ajudará a economizar combustível. O brasileiro tem paixão por carro e são poucos os que ainda não possuem o seu. As despesas básicas com o carro são além do consumo do combustível, impostos, seguro e revisão;
- e) contas em atraso: pagar as contas em dia pode gerar economia para o bolso, pois evita despesas com multas e juros por atraso no pagamento.

3.2.3 *Gastos arbitrários*

Todos aqueles gastos que não se precisa fazer mensalmente, mas são feitos, são os gastos arbitrários, conhecidos também como vilão do orçamento. Roupas, restaurante, cinema, teatro, são alguns exemplos.

O lazer é de extrema importância e nem é necessário deixar de se divertir, porém, se na hora de fazer esses gastos, acontecer um planejamento, a diferença no orçamento será enorme. Uma dica é separar uma quantia mensal para esses gastos e manter-se dentro do limite estipulado. Veja algumas alternativas de redução de gastos arbitrários:

- a) shopping: deixar cartões e talão de cheques em casa quando for passear no shopping, isso irá contribuir para se livrar da compra por impulso;
- b) comer fora: procurar não comer fora uma vez por semana. Comer em bons restaurantes é muito agradável, mas precisa de planejamento, pois comer fora todos os dias pode ser ruim não só para o bolso, como para o corpo, não sendo saudável;
- c) filhos: entender que o que os filhos realmente precisam, e o que vai ajudá-los a ter sucesso na vida, é de atenção e não do último modelo de celular. Muitos pais cometem suicídios financeiros em nome dos filhos e querem dar a eles tudo o que não tiveram quando crianças.

A tecnologia para uso residencial agregou gastos significativos na última década, como a facilidade de comprar pelos canais de TV a cabo e pela internet. Essa tecnologia tem um custo mensal. Segundo Toledo (2010, p. 43), “sejamos realistas. No século XXI, dificilmente teremos algum benefício, conforto ou praticidade sem custo. A indústria do conforto migrou dos eletrodomésticos para a tecnologia da informação.” Sair da dependência tecnológica é uma atitude que

poderá contribuir muito no orçamento. Quanto à TV a cabo, manter um pacote básico que contenha apenas o que realmente é assistido, evitando gastos desnecessários e ajustando o valor à realidade financeira.

3.3 DÍVIDAS

3.3.1 *Conceito de dívidas*

Silva Neto (2008) define dívida de forma direta e clara, como sendo um compromisso em atraso. Cita também que as pessoas confundem compromisso com dívidas. No momento de uma compra parcelada, por exemplo, assume-se o compromisso com a loja de efetuar os pagamentos previstos através de boletos, faturas ou carnês. A dívida só surge no momento em que são atrasadas as parcelas, no momento da quebra do acordo firmado entre o consumidor e a loja, começando a incidir juros. E se o pagamento atrasar muito tempo, há sanções jurídicas e todos os transtornos conhecidos. Isso é dívida.

3.3.2 *Possíveis causas de dívidas*

Há diversos motivos para atrasos em pagamentos. De acordo com Silva Neto (2008), as dívidas podem ser consideradas de duas naturezas: as externas e as internas.

Externas: são causas diversas, alheias às vontades, que não se tem como evitar ou controlar, apenas prever e prevenir. Entre elas pode-se usar como exemplos: desemprego, queda no orçamento familiar, falta do principal provedor da família, doenças e acidentes pessoais na família, sinistros por terceiros, sinistros por intempéries e acidentes diversos, má fé e abusos contra o consumidor. Ao longo da vida as pessoas podem enfrentar situações financeiras bem difíceis. Os imprevistos, os desastres, as doenças e as mudanças radicais atingem a todos em diversas ocasiões e são inevitáveis, pois fazem parte do risco que é viver;

Internas: são as mais comuns e as que mais levam o consumidor ao SPC e SERASA. Têm relação direta com o planejamento pessoal. Como exemplos podem-se citar: compras não planejadas no orçamento, desperdício, facilidade de crédito - parcelamento, cartões de crédito - pagamento mínimo, cheques especiais e pré-

datados, descontos em folhas de pagamentos - compras consignadas, empréstimos para pagamento de dívidas e consumo sazonal, comprar e esquecer que comprou.

Um problema bastante atual e enfrentado por muitas pessoas é a compra por impulso. Os meios de comunicação são poderosos incentivadores do consumismo, mantidos por anunciantes, criam verdades de acordo com a necessidade de venda. Os comerciais são envolventes, aliando a criatividade ao marketing, tornam-se uma grande influência nas decisões de compra e investimentos das pessoas. Conforme Cerbasi (2003, p. 52):

As razões de boa parte dessas compras por impulso são as eficientes estratégias de marketing das empresas. Elevados investimentos e tecnologia são utilizados para que sejamos convencidos a levar para casa um produto. Quando vamos às compras, temos como objetivo buscar produtos que nos interessam, mas temos também como destino trazer para casa os produtos que nos são empurrados com enorme astúcia por seus fabricantes e vendedores.

A questão é que a maioria das pessoas passou a acreditar que o mais importante é ter e não ser. Para Tolloti e Cerbasi (2007) grande parte das dívidas é causada pela necessidade de parecer ser alguém que não é. Muitas pessoas assumem uma posição que não podem sustentar, interpretam papéis para serem aceitas socialmente. Os mesmos autores argumentam que a sociedade está impregnada pela mentalidade dos excessos, os limites são ultrapassados e poucos sabem estabelecer um ponto de chegada, seja no campo profissional, alimentar, amoroso, físico ou de consumo, na hora das compras.

“Policar-se para não ultrapassar os limites dos próprios ganhos é uma grande dificuldade para a maioria das pessoas. As formas de pressão da sociedade em que vivemos são enormes, e são poucos os que conseguem resistir a elas.” (FRANKENBERG, 2003, p. 39). Toledo (2010) cita que o problema não é consumir, mas consumir o desnecessário na maior parte do tempo, atitude que vem colocando em risco a sustentabilidade da vida no planeta. Ela orienta que se comece a observar o que, como e quanto se compra, pois assim será possível ver que a maior parte do dinheiro é gasta com itens dispensáveis.

Em todos esses casos, agimos com a emoção e não com a razão para fazer nossas escolhas de consumo. Compramos por um impulso emocional, distanciados da razão, e não questionamos se o que estamos comprando é útil, se é necessário, se nos serve ou mesmo se poderemos pagar. Nada

disso passa pela nossa mente. Apenas queremos sentir o prazer de nos recompensarmos ou de recompensar os outros. (TOLEDO, 2010, p. 46).

3.3.3 *Analisando as dívidas*

Toda dívida nasce de um compromisso e todo compromisso de uma necessidade. As análises a serem feitas em relação às dívidas devem ser feitas de acordo com as necessidades prioritárias e emergentes. O principal motivo que gera uma dívida é a renda menor que os compromissos assumidos, por essa razão é tão importante que, ao receber a sua renda, a pessoa tenha consciência das suas reais necessidades e isso ela consegue através do planejamento do orçamento doméstico. E quando estiver pensando em entrar numa dívida, é necessário pensar também em como sairá dela, analisar o orçamento e certificar-se de que a dívida cabe nele. Silva Neto (2008) classifica as dívidas em duas modalidades: as formais e informais. Conforme o autor, dívidas informais são todas aquelas sobre as quais não incidem juros por atrasos e nem ações judiciais diretas, por serem em geral de pequeno valor. Já as dívidas formais são aquelas em que os compromissos são formalizados por meio de contratos, ou pagos com cheques ou notas promissórias, podendo ser negociadas diretamente com o credor ou por meio jurídico.

Não importa a classe social. Todas as pessoas são passíveis de contrair dívidas de qualquer valor. Isso justifica a importância de trabalhar bastante esse tema que pode parecer repetitivo, porém sempre é hora de falar sobre endividamento com a intenção de mostrar para a pessoa que ela não é a única a estar com dívidas, nem a primeira e nem a última. Alguns passos podem colaborar na análise das dívidas, sendo que, a seguir estão evidenciados alguns deles.

Listar todos os compromissos formais e informais: em uma planilha ou em um caderno listar todos os compromissos totais, começando pelos informais e, em seguida, os formais como carnês, faturas, empréstimos, partindo sempre do menor para o maior.

Anotações de responsabilidade e motivação pela compra: entender por que foi comprada uma coisa ou por que foi contratado um serviço, de quem foi a decisão e qual foi a motivação que levou à compra. É importante identificar se era mesmo essencial, se foi por impulso, pressão emocional ou emergencial. No caso de acontecer a dívida por causa dessa compra, o sentimento de culpa pode ser

atenuado ou poderá haver mudança de atitude para que não se repita a mesma situação numa próxima ocasião.

Anotar o benefício gerado: toda compra ou contratação de serviço deve gerar um benefício. Quando é feito um empréstimo, por exemplo, uma anotação deve ser feita para saber onde e em que o dinheiro foi usado para que, quando chegue o momento de saldar o débito, isso seja lembrado e assim a pessoa possa avaliar a dimensão da necessidade de ter obtido esse compromisso.

Anotar as parcelas: para manter o controle e lembrar-se dos compromissos assumidos, é de extrema importância anotar mês a mês o valor, com as respectivas datas de vencimento, no caso das compras parceladas ou empréstimos.

Fazer um círculo vermelho em todas as parcelas com atraso: esse é momento em que se verifica quais são as dívidas e também sua quantidade.

Analisar o motivo que gerou o atraso: toda dívida tem um motivo e compreendê-lo fará a diferença entre se desesperar ou não, entre evitá-la após saldá-la ou se prever contra tal motivo em outras situações;

Listar qual débito pode ser saldado primeiro com a renda atual e quando será efetuado o pagamento: começar pelas dívidas de menor valor, pois a possibilidade de conseguir pagá-las é maior. Feita essa análise, no caso de dívidas informais de maior valor, caso não se possa pagar no momento, deve-se negociar para pagar uma parte e dar uma data certa para pagar outra até saldar tudo. No caso de dívidas formais, atrasos nas parcelas indicam a incidência de juros e, havendo um acúmulo de juros excessivos, pode-se recorrer ao PROCON que é um órgão de defesa do consumidor para tentar um acordo jurídico favorável. Conforme forem sendo pagas as dívidas, deve-se riscá-las na lista, mantendo-a sempre por perto para um maior controle. Buscar alternativas para aumentar a renda a fim de saldar os débitos mais rapidamente e não assumir novos compromissos, a não ser em casos de extrema urgência, enquanto está em situação de atraso, são dicas bastante úteis.

Livrar-se das dívidas e conquistar o equilíbrio financeiro exige tempo, paciência, disciplina e sacrifício. Saldar dívidas altas pode levar um ano todo até terminar, mas o importante não é o tempo que se leva, e sim, saber que o planejamento está sendo seguido e novos hábitos de consumo estão sendo aprendidos. Para Frankenberg (2003, p. 77):

Eliminar, ou pelo menos diminuir, uma dívida de cheque especial, cartão de crédito, prestações etc. pode resultar numa aplicação bem melhor do que colocar dinheiro novo numa caderneta de poupança ou qualquer outra inversão de renda fixa, já que os juros que você recebe das aplicações costumam ser muito mais baixos do que os juros pagos aos bancos, administradoras de cartões e financeiras. Isso é o que diz a razão. Mas a importante resolução de atacar as dívidas implica acabar com o hábito de debitar no cartão pequenas compras, contas de restaurante, supermercado, gasolina. Significa, ainda, resistir à tentação e ao prazer de comprar, o que é difícil numa sociedade em que os meios de comunicação apelam para o consumismo.

3.4 ALTERNATIVAS DE FINANCIAMENTO – TIPOS DE CRÉDITOS

O financiamento é uma compra parcelada de um produto ou serviço, em que se acrescenta uma taxa de juros ao montante inicial, que variará conforme o tempo de duração do mesmo. Na maioria dos casos, os financiamentos são feitos para a compra de carros, motos e casas, podendo ser utilizados também para a compra de móveis e computadores. O consumidor deve estar atento às taxas de juros e demais encargos cobrados nos seus financiamentos para verificar a prática de juros e encargos ilegais e abusivos. Segundo Toledo (2010, p. 58), “informe-se sobre tudo que puder antes de fazer um financiamento. Não faça financiamentos com pressa ou ansiedade, ou poderá transformar o sonho em pesadelo.” De acordo com Luquet e Assef (2006, p. 23):

Muito cuidado com os financiamentos, dificilmente eles serão um bom negócio. Ao contrário do senso comum, mesmo um financiamento imobiliário deve ser analisado com toda a cautela. Quando as taxas de juro são muito altas, mais vale alugar um imóvel do que carregar um financiamento.

Crédito, em finanças, é a capacidade prevista que uma pessoa tem de retornar um investimento (empréstimo, financiamento) sobre ele. É a facilidade em obter dinheiro por empréstimo ou de abrir conta em casas comerciais. Aquele que empresta dinheiro a um indivíduo ou a uma instituição se chama credor. A análise racional da situação é essencial para fazer bom uso do crédito; somente através dele é possível gastar mais do que recebemos, portanto, é preciso ter muito cuidado ao decidir utilizá-lo.

Quando se faz necessário pedir dinheiro emprestado, é preciso ficar atento às taxas de juros, pois elas variam bastante, fazendo com que muitas alternativas

disponíveis devam ser completamente descartadas. Acompanhe a seguir uma escala de possíveis formas de financiamentos para pessoas físicas, das mais caras às mais baratas do mercado.

Agiotas: é recomendável nunca recorrer aos agiotas para saldar as dívidas, pois seus juros são os mais altos do mercado e há o risco de submeter-se a práticas criminosas de cobrança numa eventual dificuldade de pagamento do empréstimo.

Financeiras: fugir das financeiras é outra dica, pois as taxas praticadas são as mais altas dentre as alternativas de empréstimos. Servem para socorrer pessoas que não têm crédito ou já esgotaram seus limites. O marketing das financeiras vende os empréstimos como dinheiro fácil sem a apresentação clara dos juros cobrados, explorando assim a ingenuidade e a falta de informação de seus clientes.

Cartões de crédito: é uma das formas de financiamento que mais cresce no país. O dinheiro de plástico permite concentrar todas as compras numa única data de vencimento e, algumas vezes, ganhar alguns dias até o pagamento da fatura. Jamais se deve pagar o valor parcial da fatura, pois seus juros são muito elevados. Também é preciso tomar cuidado para não se animar com o dinheiro disponível no cartão e fazer compras não programadas, pois se poderá contrair dívidas e acabar entrando no crédito rotativo, que consiste em pagar uma parte da fatura no vencimento e deixar o restante para a próxima cobrança. Nessa linha de crédito com juros altíssimos, caso a pessoa fique inadimplente, estará entrando na famosa bola de neve que cresce rapidamente e vai detonar a sua vida financeira.

Cheque especial: por se tratar de um crédito oferecido a clientes displicentes, que não cuidam do seu dinheiro, os juros embutidos são elevados. É um tipo de recurso que não traz ganhos ao banco enquanto não for usado, por isso o diretor do banco lhe manda cartinhas o saudando como cliente especial. É preciso tomar cuidado com a tentação que o banco oferece, evitando entrar no limite do cheque e só contar com ele em situações de emergência. Toledo (2010) menciona que o cheque especial deve ter esse nome porque quem o usa é de fato muito especial para o banco, já que proporciona altos ganhos através dos juros pagos mensalmente.

Crédito direto ao consumidor (CDC): é o tipo de financiamento praticado pelas instituições financeiras através de grandes redes varejistas, como lojas de utilidades e eletrodomésticos. Não é aconselhável comprar a prestações, mas, se algum eletrodoméstico der problema e for necessário efetuar a compra, o crédito

direto ao consumidor (crediário) é uma boa alternativa. As taxas de juros são fixadas pelas instituições financeiras que operam com as lojas comerciais. Uma dica é somente utilizar o crédito para pagar coisas que durem mais que o prazo de financiamento.

Empréstimo pessoal: disponível a todos aqueles que têm conta corrente em banco, oferecido normalmente com juros pré-fixados. Os juros praticados não são baixos, mas são bem menores do que os do cheque especial, por isso torna-se vantajoso. Porém, muitas pessoas utilizam a linha de crédito do cheque especial pois não é preciso fazer nada. Ou seja, para fazer um empréstimo pessoal é preciso pegar o telefone e ligar para o gerente do banco que faz uma análise histórica do cliente. De acordo com Frankenberg (2003, p.101), “o processo de pedir dinheiro emprestado é muito simples. Os bancos gostam de emprestar dinheiro, pois esse é o negócio deles. A questão sempre será: como você irá devolver o dinheiro emprestado.”

Empréstimo cooperativo: certos segmentos profissionais e trabalhadores de algumas empresas reúnem-se em cooperativas de crédito ou bancos cooperativos para obter melhores condições de juros. A vantagem é que na hora de pedir empréstimo os juros são menores que os praticados nos empréstimos pessoais, pois os objetivos dessas instituições é garantir crédito a preço mais baixo aos seus cooperados.

Empréstimo trabalhador: é vinculado à folha de pagamento, acertado entre bancos e empresas para favorecer os empregados. Os juros praticados dependem do porte e do relacionamento bancário da empresa, mas são sempre bastante inferiores aos juros do empréstimo pessoal. O que viabiliza esses juros vantajosos é a garantia que a empresa oferece com o pagamento do salário do funcionário, portanto não há risco de inadimplência. É uma forma menos cara de empréstimo.

Antecipação de créditos: os bancos oferecem aos trabalhadores a oportunidade de receber os recursos da restituição do imposto de renda e do décimo terceiro salário com um ou dois meses de antecedência e cobram juros por essa antecipação. Os juros são reduzidos, pois há poucas chances de o trabalhador deixar de receber esses recursos. Deve ser evitado, mas para quem está com dívidas mais caras, é uma chance de pagar parte da outra dívida e assumir um empréstimo mais barato.

Financiamento de automóveis: apresenta uma das menores taxas de juros do mercado. O automóvel será alienado a favor da empresa financiadora até o pagamento da última prestação. O importante é conhecer perfeitamente a taxa de juros que será utilizada no cálculo das prestações.

Financiamento imobiliário: assim como o financiamento de automóveis, o da casa própria também apresenta uma das menores taxas de juros do mercado. Há os programas de facilidade de financiamento da casa própria oferecidos pelo governo e é possível também utilizar o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço para quitar parte da dívida do financiamento do imóvel, gerando uma redução no valor da parcela. Na avaliação de Frankenberg (2003, p. 346):

Obter algum financiamento ou crédito no Brasil custa caro, pois somos um país carente de capitais. Além disso, como intermediárias que são, as instituições financeiras tentam obter o máximo possível de lucro de suas carteiras de empréstimos imobiliários e ainda garantir-se para o caso de o tomador do empréstimo não pagar em dia aquilo que foi conveniado.

Empréstimo familiar: podem ser feitos entre pais e filhos, entre amigos ou parentes. Quando mal discutido pode se tornar motivo de conflito, mas quando bem documentado é um excelente negócio para as partes envolvidas. Se forem praticados juros de mercado, isto é, se a taxa negociada para o empréstimo for a mesma do CDI (Certificado de Depósito Interbancário), se criará uma situação em que os juros pagos serão mais baixos que a maioria das alternativas de mercado, ao mesmo tempo em que, para quem recebe, esses juros serão superiores à maioria das alternativas de investimentos disponíveis.

Com o cenário econômico favorável, tomar um empréstimo ficou tão fácil que nem é mais preciso ir ao banco. As possibilidades de crédito são muitas, mas todas apresentam taxas de juros reais (juros – inflação) muito elevadas e devem ser evitadas. A facilidade do empréstimo pré-aprovado, retirado diretamente no caixa eletrônico, vem aumentando o poder de compra do brasileiro e o consumo de bens duráveis, como TV, geladeira e máquina de lavar. Por outro lado, estimula as decisões por impulso e pode levar ao endividamento excessivo.

Desde a implantação do Plano Real, em julho de 1994, tem-se a impressão de estar convivendo com taxas de juros menores e com a inflação controlada. Porém não é bem assim, os juros continuam elevados e, na maioria das vezes, abusivos.

Portanto, é preciso ter cuidado para não se deixar seduzir pelas incríveis ofertas do mercado, pois estimulado pela propaganda, a pessoa poderá gastar além do seu orçamento e se endividar.

O melhor conselho é economizar e comprar à vista, fugindo dos financiamentos. Comprometer-se no pagamento de um bem por um período muito longo é arriscado, pois imprevistos poderão acontecer nesse intervalo e devido aos juros altos levar ao endividamento.

O quadro 1 mostra os diversos tipos de crédito disponíveis para pessoa física e seu impacto mensal e anual no bolso do consumidor. Através dos dados nele contidos é possível verificar que o CDC é realmente uma boa alternativa, como já foi mencionado anteriormente, pois possui os juros mais baixos. Confirma-se também que o cartão de crédito apresenta juros altíssimos, assim como as financeiras, sendo válida a dica de fugir delas, por praticarem taxas de juros elevadas.

LINHA DE CRÉDITO	AGOSTO/2010		SETEMBRO/2010		VARIAÇÃO %	VARIAÇÃO PONTOS PERCENTUAIS
	TAXA MÊS	TAXA ANO	TAXA MÊS	TAXA ANO		
Juros comércio	5,68%	94,05%	5,65%	93,39%	-0,53%	-0,03
Cartão de crédito	10,69%	238,30%	10,69%	238,30%	0%	0
Cheque especial	7,45%	136,85%	7,47%	137,38%	0,27%	0,02
CDC - bancos	2,37%	32,46%	2,37%	32,46%	0%	0
Empréstimo pessoal - bancos	4,73%	74,12%	4,69%	73,33%	-0,85%	-0,04
Empréstimo pessoal - financeiras	9,60%	200,42%	9,56%	199,11%	-0,42%	-0,04
TAXA MÉDIA						
	6,75%	118,99%	6,74%	118,74%	-0,15%	-0,01%

Quadro 1: Taxa de juros para pessoa física

Fonte: ANEFAC (2010)

Acompanhar o cenário econômico e ficar atento a informações sobre taxas de juros é essencial para tomar boas decisões financeiras. Ao evitar gastos com juros, o dinheiro rende muito mais e fica mais fácil se organizar para poupar ou administrar crises quando não se tem dívidas.

3.5 APLICANDO AS SOBRAS

Frankenberg (2003) cita que a ideia óbvia que está por trás de todo planejamento pessoal é a formação de uma poupança a partir da decisão de não gastar tudo o que se ganha e que, para criar esse fundo de reserva, a pessoa terá que fazer algumas alterações em sua forma de gerir o orçamento doméstico, sacrificando alguns gastos que costuma fazer. Para iniciar, um programa sério de poupança, cada pessoa, cada família precisa achar uma fórmula própria para diminuir certos gastos e, a partir do montante economizado, começar a investir. Quanto mais cedo uma pessoa começa a planejar sua vida e a colocar de lado, periodicamente, um certo valor, aplicando-o de forma inteligente, menos esforço terá que fazer para alcançar um futuro financeiro tranquilo.

Segundo Luquet e Assef (2006, p. 35):

É sempre mais tarde do que você imagina para começar a fazer seus investimentos. No entanto, da mesma forma que os analistas recomendam com frequência que quanto mais cedo melhor para iniciar suas aplicações, também é verdade que antes tarde do que nunca. Se ficar procurando desculpas para adiar o início dos seus investimentos não começará nunca. Porque as desculpas estão aí para isso mesmo, para ser usadas. E, quando se trata de não guardar dinheiro, há muitas a sua disposição.

3.5.1 Gerenciado investimentos

Investimento implica em multiplicar dinheiro em um período de tempo, considerando a incerteza de rentabilidade, também conhecida como risco. Antes de decidir qual investimento escolher é importante conhecer alguns conceitos como o de liquidez: grau de facilidade em transformar o investimento em dinheiro no seu bolso novamente e rentabilidade: quanto receberá pela aplicação depois de descontados os impostos e a inflação no período.

Quando o investidor sabe em que está aplicando, que riscos o investimento oferece, que situações geram ganhos ou perdas e, principalmente, quais as alternativas mais rentáveis do mercado para o tipo de investimento escolhido, pode-se dizer que ele está tomando decisões inteligentes.

O importante é investir naquilo que se conhece. Talvez a caderneta de poupança seja uma alternativa razoável para começar a poupar, mas

somente enquanto vocês não entenderem o funcionamento de um fundo de investimentos ou de um CDB. Busquem a informação, ela não custa quase nada! Se vocês não se sentem bem em investir numa instituição financeira, existem outras opções. Mesmo no mercado imobiliário, só ganha dinheiro quem tem informação, e quem conhece o mercado e aproveita as oportunidades, os bons momentos de compra e venda. Quem não se informa não toma decisões inteligentes. (CERBASI, 2004, p.118).

O investidor pode ser classificado de acordo com seu perfil:

Conservador: prefere abrir mão da rentabilidade para não correr o risco de perdas de capital. Geralmente investe em caderneta de poupança, renda fixa, CDB e tesouro direto;

Moderado: aceita flutuações de preços desde que haja perspectivas de ganhos moderados. Investe em fundos que mesclam títulos de baixo risco com ações da bolsa através de fundos;

Arrojado: seu foco está em lucros elevados e aceita correr o risco em investimentos de resultado incerto. Investe diretamente na bolsa de valores.

3.5.2 *Analisando os riscos*

Para fazer um investimento é preciso considerar alguns fatores e o principal deles é o risco envolvido em cada tipo de investimento. Risco pode ser conceituado como a chance de ocorrer um evento desfavorável, um prejuízo. Normalmente é medido de acordo com a probabilidade de ele acontecer. É o grau de incerteza da rentabilidade (retorno) de um investimento. Não é sinônimo de perda, mas de incerteza de ganhos.

Pereira (2001) afirma que em termos financeiros o objetivo do risco é trazer retorno maior do capital que o obtido com as aplicações da lei do poupar, aprendendo a transformar problemas em oportunidades rentáveis. A mesma autora argumenta que aprender a lidar com os riscos é trazer à consciência as próprias emoções e aprender também a lidar de forma prazerosa com a própria vida.

Conhecer sua tolerância ao risco é muito importante na hora de fazer sua carteira de investimento. Dessa forma, você não vai entrar em mercados para os quais não está preparado. Nunca faça aplicações que contenham riscos maiores do que aqueles que você é capaz de suportar. No entanto, conheça primeiro os riscos de cada mercado. Às vezes, você fica em investimentos muito conservadores não porque tem medo, mas sim porque lhe falta informação. (LUQUET e ASSEF, 2006, p. 39).

Diferentes fases da vida propiciam níveis distintos de propensão ao risco e diversos horizontes de necessidade de recursos. Para os solteiros, por exemplo, é uma fase muito interessante para poupar uma parte, mesmo pequena, da renda mensal, isso por duas razões: o maior contato com o meio acadêmico amplia as fontes de informação e a falta de grandes compromissos financeiros fixos viabiliza o maior apetite pelo risco. Já para casais com filhos, há compromissos financeiros fixos, momento de traçar um plano de investimentos mensais e de estabelecer limites para os riscos. Faz-se necessário também um planejamento financeiro para garantir fundos para a educação dos filhos. Um conselho é reduzir os riscos nos investimentos à medida que a idade aumenta, pois se chega a um período em que se deve colher frutos da boa administração da carreira e das finanças, usufruindo do que se conquistou.

Existem investimentos com risco alto, médio ou baixo. Toledo (2010) cita que, de acordo com o perfil de investidor, a pessoa deverá escolher que tipo de risco está disposto a correr para obter ganhos. A mesma autora afirma que a maior dificuldade das pessoas hoje no Brasil é assumir riscos e que, diante da crise mundial, com queda significativa nas bolsas do mundo inteiro, quem já tinha medo agora tem pavor do risco. Com a queda dos juros e da inflação, só obterá ganhos maiores quem aceitar correr riscos maiores.

A história mostra que o Brasil é um país de elevado nível de risco, já que as regras do jogo mudam ao longo do tempo. Conforme Cerbasi (2004, p. 155):

Entendam que vivemos em um ambiente de risco. Isso não é totalmente ruim, pois onde há risco há maiores oportunidades de ganho. Se o risco no Brasil não fosse elevado, os bancos e o governo não teriam de pagar juros tão altos para atrair investidores e convencê-los a aplicar seu dinheiro. Hoje vocês só investem porque os juros oferecidos pelas alternativas de investimento são suficientemente atrativos, situação muito melhor do que deixar o dinheiro em casa, debaixo do colchão.

Luquet e Assef (2006) afirmam que todo investimento tem risco, em compensação, se receberá um prêmio por correr esse risco, que é a rentabilidade da aplicação. Pode também em algumas vezes o risco se confirmar e se acaba perdendo dinheiro, porque o retorno da aplicação foi negativo.

3.5.3 Principais tipos de investimentos

Ao construir a carteira de investimentos, a pessoa terá dois caminhos a seguir: o da renda fixa e o da renda variável.

A renda fixa é um tipo de investimento em títulos emitidos pelo governo, ou por uma empresa, com direito ao recebimento de uma taxa de juro. São apontados no mercado como de menor risco que os de renda variável, porque apresentam uma variabilidade menor dos possíveis retornos. Os títulos de renda fixa podem ser pré-fixados: nos quais, ao fazer a aplicação, a pessoa já sabe quanto vai receber; pós-fixados: esse valor só é revelado por ocasião do vencimento do título. Os investimentos mais populares em renda fixa são a Caderneta de Poupança e os Fundos DI (são fundos atrelados ao CDI- Certificado de Depósito Interbancário). Mas há também outras aplicações, tais como: Fundos de Renda Fixa, CDBs e debêntures, entre outras.

Nos investimentos em títulos de renda variável, o investidor não tem como saber, previamente, qual será a rentabilidade da aplicação. Ao contrário da renda fixa, o fluxo de caixa é incerto. O grau de incerteza é maior e pode até ocorrer, em determinadas aplicações, de o dinheiro virar pó, ou seja, de perder tudo. Nada garante de que forma se dará o retorno do investimento. Os investimentos mais tradicionais e populares em renda variável são as ações, os fundos de ações e os clubes de investimento. Geralmente os investimentos em renda variável são recomendados para prazos mais longos e para investidores com mais tolerância às variações de preço dos títulos, muito comuns nesse mercado.

Conforme Cerbasi (2009, p. 149): “invista na realização de seus sonhos. Quantifique-os e foque em sua conquista. Para objetivos com prazo inferior a um ano, conte com a Caderneta de Poupança; para os de prazo mais longo, conte com os investimentos que você escolher para incrementar ganhos no longo prazo.”

O mercado financeiro brasileiro é um dos mais sofisticados do mundo e oferece um elenco muito variado de possibilidades de investimento. A seguir serão apresentadas algumas dessas alternativas.

Fundos de investimento: é uma comunhão de recursos, captados de pessoas físicas ou jurídicas, com o objetivo de obter ganhos financeiros a partir da aplicação em títulos e valores mobiliários. Isto é: os recursos de todos os investidores de um fundo de investimento são usados para comprar bens (títulos)

que são de todos os investidores, na proporção de seus investimentos. No caso de um fundo de investimento, o principal risco é aquele inerente aos ativos que compõem a carteira.

Caderneta de poupança: é a mais conhecida e popular forma de aplicação dos poupadores brasileiros, dadas as facilidades operacionais que oferece, tais como: a possibilidade de aplicar quantias mínimas, não exigir conta em banco e envolver pouca burocracia. O risco de aplicar em Caderneta de Poupança é muito baixo. Considerada um investimento extremamente conservador, os recursos que capta destinam-se ao financiamento de moradias.

CDBs e RDBs: O CDB (Certificado de Depósito Bancário) e o RDB (Recibo de Depósito Bancário) são títulos de renda fixa, representativos de depósitos a prazo, utilizados pelos bancos comerciais como mecanismos de captação de recursos. Esses tipos de investimento envolvem uma promessa de pagamento futuro do valor investido, acrescido da taxa pactuada no momento da transação. O risco é baixo por se tratar de renda fixa, estando associado o recebimento do principal à solidez da instituição, ou seja, caso o banco quebre você pode não receber aquilo que aplicou.

Títulos Públicos: são papéis emitidos pelo governo federal. É a forma pela qual os investidores emprestam dinheiro ao governo. Como o governo, nos últimos anos, tem pago taxas extremamente elevadas, essa tem sido considerada pelos analistas uma das melhores aplicações do país, pois alia segurança e rentabilidade. Os títulos do governo são colocados no mercado por meio de leilões realizados pelo Banco Central e agora o investidor já pode fazer suas compras diretamente, por meio da internet, utilizando um serviço conhecido como Tesouro Direto.

Ações: principal produto do mercado de renda variável, a ação é um valor mobiliário, emitido por sociedades anônimas, que representa uma parcela do seu capital social. Quando a pessoa compra uma ação de uma companhia aberta, se torna acionista e participa do lucro da companhia através do recebimento de dividendos e de bonificações. Ela se torna sócia de um negócio, e como tal, poderá ganhar dinheiro com o crescimento da empresa ou perder se as coisas não saírem conforme o esperado. O mercado de ações é considerado de maior risco do que o de renda fixa.

Debêntures: A debênture é um valor mobiliário emitido por sociedades por ações, representativo de dívida, que assegura a seus detentores o direito de crédito

contra a companhia emissora. Consiste em um instrumento de captação de recursos no mercado de capitais, que as empresas utilizam para financiar seus projetos. É uma forma também de melhor gerenciar suas dívidas. Como a emissão das debêntures envolve altos valores, é obrigatória a elaboração de um documento chamado Escritura de Emissão, onde são especificados os direitos e deveres dos debenturistas e da emissora. Os maiores compradores das debêntures no mercado brasileiro são os chamados investidores institucionais, tais como grandes bancos, fundos de pensão e seguradoras, os investidores estrangeiros, além dos investidores individuais.

Clubes de investimento: são agrupamentos de pessoas que geralmente se conhecem ou têm algum interesse em comum. Elas se reúnem periodicamente, analisando, estudando e trocando palpites sobre as empresas do país que possam oferecer boas perspectivas de dividendos e valorização, e dessa forma definem aquelas em que irão aplicar. São legalmente constituídos e em geral orientados por sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários. Os participantes, em limite máximo de 150 pessoas, recebem cotas de acordo com o capital que subscrevem. A gestão do dinheiro é exercida pelo próprio grupo, que decide em que, quando e quanto investir.

O quadro 2 demonstra algumas alternativas de investimentos com suas características. As informações nele contidas evidenciam que os investimentos em renda fixa (Caderneta de poupança, CDB, Fundos DI, Fundos de renda fixa e Títulos públicos) apresentam menor risco, ou seja, o grau de incerteza da rentabilidade é menor, como já foi citado. É possível, também, verificar que os investimentos em renda variável (Fundo de ações e Ações) apresentam um risco alto, com a rentabilidade variável, incerta, e que o prazo para ter o retorno desejado é longo, por isso são mais comuns ao investidor de perfil arrojado visto anteriormente.

	Caderneta de poupança	CDB	Fundos DI	Fundos renda fixa	Títulos públicos	Fundo de ações	Ações
Liquidez	alta	média-alta	alta	alta	média	média	variável
Rentabilidade	0,5% + TR	taxa de juros ou ligada a um indexador	taxa DI	taxa de juros	taxa de juros	variável	variável
Risco	baixo	baixo	baixo	baixo	baixo	alto	alto
Prazo	curto	variável	curto	curto	variável	longo	longo
Imposto	isento	IR na fonte	IR na fonte	IR na fonte	IR na fonte	IR na fonte	IR na fonte

Quadro 2: Quadro de investimentos

Fonte: Toledo (2010, p. 67)

De acordo com Frankenberg (2003, p. 134):

Quando se aplica em produtos financeiros, busca-se um determinado lucro ou rendimento. Para efeito de saber se houve de fato lucro, deve-se descontar a inflação e o imposto incidente sobre a aplicação. Por essa mesma razão, qualquer investimento deve sempre ser encarado sob diversos prismas, e não somente sob o ponto de vista do rendimento aparente.

Segundo Toledo (2010, p. 68), “tenha sempre em mente que o melhor investimento é aquele que o leva ao encontro de seu objetivo mais rapidamente e sem sofrimento.”

O fato de termos de fazer escolhas nos remete a um importante conceito, fundamental em qualquer plano de investimento: custo de oportunidade. Por exemplo, quando as taxas de juro são altas, mais vale deixar o dinheiro aplicado do que comprar um imóvel. Isso porque o ganho com juros é maior do que a valorização do imóvel. Para os economistas, o custo de oportunidade é a taxa de juro; na sua vida, o custo de oportunidade são suas preferências. O que vai deixá-lo mais feliz. (LUQUET e ASSEF, 2006, p. 14).

4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA CONTRIBUINDO PARA A GESTÃO DO DINHEIRO NA VIDA DAS FAMÍLIAS

4.1 CONCEITO DE DINHEIRO E SUA IMPORTÂNCIA

O dinheiro nada mais é do que um elemento de troca e deve ser usado para facilitá-la. Trocamos o trabalho diário por dinheiro e isso nos custa nosso tempo de vida, nossa saúde, nosso conhecimento e nossas habilidades.

Até o século XX o dinheiro era físico, ligado à riqueza material, lastreado no ouro e relacionado à sobrevivência. Veio a tecnologia e o dinheiro perdeu a matéria e virou impulso eletrônico. No século XXI, o dinheiro circula na velocidade da luz, em constante movimento, transitando de um lugar para outro à procura de maior rentabilidade e menor taxa de risco. Está em todos os lugares e em lugar nenhum. É extremamente poderoso, sem dono nem fronteiras, não obedece a ninguém em nenhum país. O dinheiro é uma energia que move todos os interesses do planeta.

O dinheiro teve origem na necessidade dos seres humanos de estabelecer critérios de valores para trocas entre si. Desde os primórdios da humanidade as pessoas já possuíam a noção de que as coisas tinham valores diferentes pela maior ou menor facilidade de obtê-las. Quanto mais difícil, mais valioso. À medida que o ser humano foi dominando técnicas de lidar com metais, fundindo, polindo, imprimindo, fazendo ligas especiais e, por último, chegando ao simbólico, ou seja, ao valor que extrapola o metal, o dinheiro passou a valer o que nele estava impresso.

Com o desenvolvimento da tecnologia das comunicações, da informática, dos plásticos, dos chips e da internet, no século XX, o dinheiro saiu da superfície e ocupou o espaço aéreo, funcionando como impulso eletrônico. Na opinião de Pereira (2001, p. 46), “o dinheiro é virtual porque hoje o virtual é uma realidade humana, ou pelo menos um valor do nosso cotidiano. A rede eletrônica permite que o dinheiro fique mais personalizado, mesmo tornando mais impessoais os elos entre consumidores e comerciantes.”

A beleza do dinheiro é a liberdade, o prazer e o poder que ele proporciona. Viver obcecado com dinheiro a contar cada centavo não é propriamente a filosofia de uma vida preenchida e feliz. Embora algumas pessoas possam aceitar uma espécie de suicídio social em função do dinheiro, tal atitude não é realmente

necessária. De fato, ninguém consegue viver sem gastar algum dinheiro. O segredo é antes planejar e buscar alternativas para aplicar os preciosos recursos financeiros.

O dinheiro tem algumas funções básicas: instrumento de troca, padrão de valor, reserva de valor e meio de pagamento. Essas funções não esgotam, nem explicam o fascínio que ele exerce na imaginação coletiva da sociedade. O dinheiro é um produto da criação humana que não existe na natureza; as pessoas vivem atrás dele e lutam por ele. Porém é apenas um símbolo, algo que não tem vida própria, que simboliza outra coisa, que está no lugar de algo. Essa é a função do símbolo: substituir o objeto representado.

Esse símbolo monetário, como existe hoje, vem do século XIX quando o Estado passa a emitir a moeda como monopólio, poder que antes se reconhecia a banqueiros, senhores feudais, ourives, monarcas, etc. O Estado moderno é o poder soberano que regula a emissão da moeda. O dinheiro passa a representar uma das facetas mais importantes do poder do Estado, pois, através do controle do fluxo monetário, toda a economia do país pode ser regulada, políticas econômicas são fixadas, interferindo diretamente na vida dos cidadãos.

4.2 APRENDER A LIDAR COM O DINHEIRO

Fazer bom uso do dinheiro é usá-lo de maneira racional, guardar, economizar, não comprar tudo o que se vê e sempre procurar saber qual é a melhor opção para investir. Nunca se sabe quando pode surgir um imprevisto e passar a precisar de um dinheiro que não se tem. É nessa hora que se aprende a dar valor ao dinheiro e a pensar que se poderia ter poupado ao menos um pouco. Na avaliação de Finocchiaro (2010) os brasileiros têm se mostrado cada vez mais preocupados em encontrar alternativas para administrar melhor seu dinheiro, promovendo ajustes no orçamento para equilibrar as contas e também para separar uma maior parte da renda para investimentos.

Dinheiro é uma coisa que acaba, caso não se saiba fazer bom uso dele, por isso ter cautela e aprender a direcionar e sinalizar com o que se gasta é fundamental para saber para onde o dinheiro está indo e o que se está fazendo com ele. Essa é a melhor maneira de se policiar quanto ao uso que se faz do dinheiro. Guardar dinheiro é sempre uma possibilidade de ter alguma coisa no futuro, de poder se dar ao luxo de uma viagem, de um curso, enfim, de conforto. Conforme Toledo (2010, p.

10), “fazer seu dinheiro valer mais significa dar a ele o seu devido valor em qualquer situação, evitando desperdícios e perdas e mantendo o controle financeiro através de planejamento, negociação e provisões para o futuro.”

A maioria das pessoas tem uma idéia equivocada com relação ao dinheiro, pois pensam que para solucionar todos os seus problemas precisam somente ganhar mais dinheiro, mas a questão é o que elas fazem depois que têm o dinheiro em suas mãos. De acordo com Kiyosaki e Lechter (2000, p. 69):

Porém, mais dinheiro nem sempre resolve o problema; de fato, pode até aumentá-lo. O dinheiro muitas vezes põe a nu nossas trágicas falhas humanas, é como um holofote sobre o que não sabemos. É por isso que, com muita frequência, uma pessoa que tem um ganho súbito de dinheiro – uma herança, um aumento salarial ou um prêmio na loteria – volta rapidamente ao mesmo ponto, ou até pior, ao caos financeiro em que se encontrava antes de receber esse dinheiro. O dinheiro só acentua o padrão de fluxo de caixa que está na sua mente. Se seu padrão for gastar tudo o que ganha, o mais provável é que um aumento de dinheiro disponível apenas resulte em um aumento de despesa. Como se diz popularmente: “Um louco e seu dinheiro fazem uma grande festa.”

Ao contrário do que muitos pensam, o segredo de uma vida mais rica não está em economizar muito, mas sim em gastar bem o dinheiro. Gastar menos do que se ganha e fazer render a diferença, independente da renda, é a fórmula acertada do conforto financeiro. Na teoria parece simples, mas a prática se mostra diferente. O que se vê é que todos os meses a grande maioria da população se desdobra para equilibrar as contas da casa e não é difícil que o salário acabe antes do mês.

Segundo Cerbasi (2004, p. 132):

De fato, gastar dinheiro dá um prazer enorme. Conheço pessoas que têm no orçamento pessoal um “fundo antidepressão”: quando se sentem tristes, vão ao shopping gastar dinheiro, esbaldar-se em consumo. O pior é que isso funciona! Muitos não têm coragem de construir o orçamento doméstico justamente por medo de ficar deprimidos. É impressionante como as pessoas dependem do dinheiro para manter o equilíbrio mental! Nesse caso, um consultor financeiro pessoal acaba fazendo o papel de psiquiatra, como numa clínica para tratamento de dependentes de drogas.

O mesmo autor menciona que muitas decisões que as pessoas tomam em relação ao dinheiro decorrem de hábitos, nem sempre saudáveis, que imitam da maioria das pessoas que conhecem.

4.3 O QUE ENSINAR AOS FILHOS SOBRE DINHEIRO

É sabido que os pais são os maiores exemplos para os filhos, tanto no sentido negativo como positivo, pois aquilo que se aprende na infância ajuda a construir a personalidade e a definir o caráter. Um lar onde é ensinado que os assuntos relativos ao dinheiro são de interesse de todos, prestigiando e respeitando as pessoas que o ganham honestamente, tem maiores possibilidades de sucesso do que um lar onde essa virtude não é valorizada.

O dinheiro é um instrumento que representa valor e, como tal, pode ser usado para ensinar valores. É importante que desde cedo a criança saiba que é o dinheiro ganho pelos pais que sustenta a casa. Ela deve entender que o dinheiro ganho com dignidade tem imenso valor e merece todo o respeito. Na opinião de Frankenberg (2003) a criança que recebe essas e outras lições desde cedo dos pais, com muito maior probabilidade se tornará um cidadão de sucesso, garantindo para si um futuro financeiro melhor. Segundo Cerbasi (2004, p. 86):

Não é fantástico? Um pouco de disciplina dos pais em relação ao dinheiro pode garantir com tranquilidade a faculdade dos filhos. E dá para ir mais longe: se os pais fornecerem uma boa educação financeira aos filhos e se estes conseguirem estudar sem usar a poupança, estará garantida também a aposentadoria deles, afora o que puderem construir com a própria renda. Uma vida sem preocupações financeiras! Quer herança maior que esta?

Quando perceberem que há segurança para correr riscos, os filhos poderão escolher com liberdade sua carreira e, como é sabido de todos, pessoas que escolhem a profissão pela paixão, e não pela necessidade de dinheiro, geralmente são aquelas que se destacam em sua área.

Para Godfrey e Edwards (2007, p. 97), “ensinar aos seus filhos como gastar dinheiro não será sua tarefa mais difícil como pai; ensiná-los a gastar dinheiro com moderação e inteligência será um verdadeiro desafio.”

Ao receber dinheiro, dispor dele, pode-se gastá-lo ou economizá-lo. Embora seja difícil acreditar, economizar compulsivamente pode se tornar um problema tão grande quanto gastar compulsivamente. Um poupador compulsivo, quando adulto, torna-se um companheiro difícil tanto nos negócios quanto no casamento. Pessoas que estocam dinheiro não são muitas, mas existem e o fazem não por paixão pelo ato de economizar, mas por medo de gastar. A chave para gerenciar bem o dinheiro

é encontrar o equilíbrio entre gastos e economia. A verdade é que todos, tanto crianças, como jovens e adultos, têm momentos de desejo incontrolável de gastar e outros de poupar compulsivamente.

Segundo Godfrey e Edwards (2007, p. 170):

Conforme for trabalhando com seu filho, não importa qual seja a idade dele, faça a si mesmo essa pergunta: “O que devo dizer ao meu filho sobre finanças que eu gostaria que alguém tivesse me dito quando eu tinha a idade dele?”. Minha experiência me diz que alguns dos melhores professores de administração financeira são aqueles que já sofreram muito com a gestão errada. Use os erros do passado (e quem não os tem?) como sinal de alerta para seus filhos.

4.4 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

4.4.1 *Para crianças*

Crianças crescendo sem saber quase nada sobre dinheiro, mesmo sendo esse um conhecimento que todo ser humano tem de usar no dia-a-dia, é uma situação errada. É inegável que as crianças deveriam preservar a inocência por mais tempo, porém não se pode permitir que se leve a ignorância financeira para outra geração de crianças. A resposta está na educação. O processo de ensinar a administração financeira não precisa ser tedioso, é melhor que não seja, só assim conseguirá se manter desperta a atenção da criança por mais de trinta segundos. O dinheiro é uma medida de valor do trabalho, do tempo e das coisas e entender valor é o primeiro passo para compreender valores.

Godfrey e Edwards (2007) afirmam que nunca se é jovem demais para começar a aprender sobre dinheiro e seu valor. Argumentam que as crianças tomam conhecimento do dinheiro logo que começam a interagir com o mundo que as rodeiam e que isso significa que se pode começar a ensinar a elas os princípios da administração financeira em idade surpreendentemente precoce.

Conforme Kiyosaki e Lechter (2000, p. 20):

Hoje estamos enfrentando mudanças globais e tecnológicas iguais ou até maiores que as ocorridas anteriormente. Ninguém tem uma bola de cristal, mas um fato é certo: à nossa frente descortinam-se mudanças que estão além da nossa realidade. Quem sabe o que o futuro nos trará? Mas aconteça o que acontecer, temos duas escolhas fundamentais: a segurança

ou a inteligência, preparando-nos, instruindo-nos e despertando nosso gênio financeiro e o de nossas crianças.

Se já é difícil controlar o orçamento durante o mês e colocar tudo na ponta do lápis, ensinar os filhos sobre educação financeira pode ser pior ainda. A criança é bombardeada pelas propagandas e a idéia de consumismo. Uma boa oportunidade de estimular nas crianças um bom relacionamento com o dinheiro é levá-los às compras e, diante de um pedido, dar a eles alguns trocados para comprar o que quiserem, deixando claro que não poderão pedir mais nada. Outra forma de incentivar a educação financeira é através de práticas cotidianas, simulações do dia-a-dia dos adultos, pois é disso que as crianças gostam.

Estimular a responsabilidade pessoal é o maior objetivo de propor uma mesada aos filhos. Eles aprenderão bastante quando perceberem que seus recursos são escassos. Os benefícios da mesada são inegáveis, pois, além de desenvolver o senso de responsabilidade, a administração pode ensinar o quanto pode ser difícil fazer o dinheiro render quando não se tem controle sobre os próprios impulsos de consumo.

Quanto maior for o convívio social de uma criança, maior será a necessidade de um caixa regular para pagar contas diversas, e se ela não acompanhar os hábitos do grupo, poderá sentir-se deslocada. Conceder ou não uma mesada é uma opção que deve ser discutida entre pais e filhos. Normalmente a idéia parte dos filhos, inspirada no exemplo dos colegas de escola.

Segundo Godfrey e Edwards (2007, p. 146):

O que deve ficar claro à criança pequena quando entra no sistema da mesada é que esse não é um direito adquirido. Você pode usar palavras simples para lhe explicar isso, bem como as mais complexas. Os pais não são obrigados a dar dinheiro para os filhos gastarem. A mesada é um dinheiro que a criança ganha por ser um membro que trabalha e contribui com a família.

A mesada é um recurso para custear as vontades e a socialização da criança, tendo como função colaborar na educação financeira. Ao iniciar a criança com o instrumento da mesada, mais do que dar-lhe certo valor, os pais devem delegar aos poucos a responsabilidade de saber onde e como gastar. O papel dos pais não será de decidir e sim de aconselhar. Sobre o valor da mesada, a soma precisa ser

suficiente para que a criança possa fazer todos os exercícios de gestão que a preparem para o futuro. Para Cerbasi (2004, p. 97):

O valor da mesada deve ser debatido com base num orçamento. O ideal é que todos se sentem e discutam o que os filhos gostariam de fazer se tivessem o próprio dinheiro. É necessário mencionar tudo, como guloseimas, refeições fora de casa, acessórios da moda, cinema, passeios com os amigos e compra de revistas e gibis, entre outros gastos. Dependendo do grau de independência que os pais oferecem aos filhos, pode-se incluir também compra de vestuário, custeio de atividades de lazer e decoração do quarto. Feito o orçamento, deve-se negociar um corte desses gastos. A mesada não deve pagar tudo o que os filhos desejam comprar. Eles devem entender que o orçamento é limitado e que os pais também adiam algumas escolhas para obter outras. Se os filhos quiserem comprar guloseimas na escola e os pais puderem arcar com isso, será interessante propor limites – incluir no orçamento três guloseimas por semana, por exemplo.

4.4.2 *Para jovens*

Economizar dinheiro é algo que deve ser ensinado aos jovens do mesmo modo que escovar os dentes ou fazer a lição de casa. Estabelecer uma meta financeira, ajudar o jovem a ganhar o dinheiro necessário para alcançar a meta em um espaço de tempo e desfrutar junto a ele o sucesso de a ter alcançado, são passos para começar um programa de poupança bem-sucedido. Há poucas coisas na vida que dão mais satisfação que ganhar o próprio dinheiro e comprar algo que realmente se quer.

A adolescência é uma fase complicada que traz novos desafios financeiros aos pais. É a idade em que os filhos gastam mais. Como a maior necessidade do adolescente é sentir-se parte de um grupo, surgem demandas de maiores gastos relacionados a modas e manias. Alguns pais temem confiar recursos aos filhos adolescentes com receio de que cometam loucuras impensadas, mas esse raciocínio é equivocado, pois não é a disponibilidade de dinheiro que leva o jovem a cometer bobagens e, sim, a falta de orientação ou de confiança em seus pais.

Os pais que têm condições podem garantir casa, comida, estudos e uma mesada que ajudará o jovem a cobrir gastos pessoais cada vez mais íntimos. A própria busca natural de sonhos maiores de consumo será um incentivo ao jovem para que trace seu plano pessoal de estudos e trabalho. A oportunidade de dar ao jovem um voto de confiança em sua responsabilidade pode facilitar a travessia da complicada fase da adolescência. A mesada, além de custear a independência dos

filhos, deve servir como experiência para que aprendam a se disciplinar com relação ao dinheiro. A vida é feita de escolhas e os pais devem dar aos jovens a oportunidade de começar a fazer escolhas de consumo em razão de restrições no orçamento.

Como os estudantes deixam a escola sem habilidades financeiras, milhões de pessoas instruídas obtêm sucesso em suas profissões mas depois se deparam com dificuldades financeiras. Trabalham muito, mas não progredem. O que falta em sua educação não é saber como ganhar dinheiro, mas como gastá-lo – o que fazer com ele depois de tê-lo ganhado. É o que se chama aptidão financeira – o que você faz com o dinheiro depois que o ganhou, como evitar que as pessoas lhe tirem o dinheiro, quanto tempo você o conserva e o quanto esse dinheiro trabalha para você. A maioria das pessoas não descobre o motivo de suas dificuldades financeiras porque não entende os fluxos de caixa. Uma pessoa pode ser muito instruída, bem-sucedida profissionalmente e ser analfabeta do ponto de vista financeiro. Essas pessoas muitas vezes trabalham mais do que seria necessário porque aprenderam a trabalhar arduamente mas não como fazer o dinheiro trabalhar para elas. (KIYOSAKI e LECHTER, 2000, p. 69-70).

Conforme os mesmos autores (2000, p. 22):

O dinheiro não é ensinado nas escolas. As escolas se concentram nas habilidades acadêmicas e profissionais mas não nas habilidades financeiras. Isso explica por que médicos, gerentes de banco e contadores inteligentes que tiveram ótimas notas quando estudantes terão problemas financeiros durante toda a sua vida.

De acordo com Cerbasi (2004, p. 91):

A racionalidade do planejamento financeiro torna o processo de educação financeira bastante simples. Na verdade, sou inconformado com o fato de não existir obrigatoriamente a disciplina de Educação Financeira no ensino médio das escolas brasileiras. Afinal, a falta de poupança é a origem de muitos problemas nacionais, assim como a falta de crédito e os juros elevados. A construção de uma nação rica depende da capacidade de seus cidadãos de enriquecer. O Brasil é, predominantemente, um país de pobres. Por que, então, não incluir a Educação Financeira no currículo básico da formação dos cidadãos?

Diversos autores defendem a inclusão da educação financeira nas escolas. Atualmente existe um projeto sendo realizado em algumas escolas públicas do país. Segundo o artigo *Alunos terão educação financeira* (2010), ao longo de um ano e meio, dividido em três módulos semestrais, o projeto Educação Financeira nas Escolas pretende formar consumidores conscientes, que consigam administrar bem

seus próprios recursos, sem cair nas armadilhas da cultura do consumo e pensando nos efeitos de suas decisões para o meio ambiente.

O Programa Educação Financeira nas Escolas foi desenvolvido para ajudar os alunos a enfrentarem os desafios cotidianos e a realizarem seus sonhos por meio do uso adequado de ferramentas financeiras, contribuindo assim para um futuro melhor não somente para si próprios como também para o país. Em 2010, o Programa está sendo oferecido como projeto-piloto para algumas escolas selecionadas. Os professores pertencentes a essas escolas tiveram acesso a um curso de capacitação de professores para aplicação, junto aos alunos, do material didático de educação financeira.

A educação financeira é uma preocupação dos pais e agora também do governo que desenvolveu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF): trata-se de um esforço do governo brasileiro que reconhece a educação financeira como ferramenta de inclusão social, de melhoria da vida do cidadão e de promoção da estabilidade, concorrência e eficiência do sistema financeiro do país. O desenvolvimento de um projeto nacional de educação financeira responde a uma necessidade atual da sociedade.

O sucesso da ENEF vai contribuir para um consumo financeiro mais responsável da população, assegurar a conscientização dos riscos assumidos pelos consumidores e reforçar a estabilidade e confiança no Sistema Financeiro Nacional. Além de ações destinadas ao público-alvo adulto, a ENEF prevê ações voltadas especificamente para a Educação Financeira nas Escolas, seguindo uma tendência mundial. Os efeitos dessas ações só poderão ser percebidos a médio e longo prazo, porém são essenciais para a sustentabilidade desse esforço governamental e da sociedade civil, por meio das entidades parceiras nesse projeto.

4.4.3 Para adultos

Educação financeira não é apenas o conhecimento do mercado financeiro com todos os seus produtos, taxas e riscos. É uma forma de estar aberto ao processo constante de aprendizagem, para ir atualizando a própria vida, através de fontes de informação como sites, jornais, revistas, livros e consultorias. É chegar à sabedoria de perceber que a riqueza só serve para os vivos e que, por mais rico que a pessoa seja, a riqueza material é temporária. Em resumo, educação financeira é

realizar tudo o que se deseja, com consciência, alegria e prazer e não deixar de fazer nada por falta de dinheiro.

Com uma boa educação financeira, a pessoa que ganha pouco realiza mais do que aquela que ganha muito. Para começar a poupar e economizar para uso específico no futuro, é importante lembrar que tudo começa com 1, a unidade; é preciso aprender a dar valor à unidade, pois tudo se inicia na unidade. É só uma questão de educação. Quem quiser lidar bem com milhões precisa aprender a lidar com a unidade. Não saber lidar com a unidade é o motivo de muitos ganhadores de loteria perderem tudo depois de algum tempo e ficarem pobres outra vez.

Conforme Pereira (2001, p. 60):

De modo geral, nós, brasileiros, não damos a menor importância a quantias pequenas, não somos educados para obter grandes resultados partindo da unidade. Esse é um dos motivos – não o único – por que muitas pessoas vivem insatisfeitas, não realizam o que querem na vida e simplesmente culpam a falta de dinheiro. Entre os empresários não é diferente. Vários atribuem a falta de sucesso à falta de dinheiro.

Tem-se observado que muitos adultos ignoram a arte de bem gerir seu dinheiro. Utilizam-no muito mal, sem reflexões prévias sobre as melhores oportunidades e, principalmente, não ensinam às crianças e adolescentes, como devem tratar o dinheiro. De acordo com Kiyosaki e Lechter (2000, p. 170):

Quanto mais cedo você se disciplinar e àqueles que ama para dominar o dinheiro, tanto melhor. O dinheiro é uma força poderosa. Infelizmente, as pessoas usam esse poder contra elas mesmas. Se sua inteligência financeira for pouca, o dinheiro escorrerá de suas mãos, será mais esperto que você. Se o dinheiro for mais esperto, você trabalhará toda sua vida. Para ser o senhor do dinheiro, você precisa ser mais esperto do que ele. Então o dinheiro fará o que você mandar. Ele lhe obedecerá. Em vez de ser escravo, você será o senhor. Isso é inteligência financeira.

As pessoas estudam para aprender uma profissão de modo a poder trabalhar pelo dinheiro, mas é também importante aprender a fazer o dinheiro trabalhar para elas. Segundo Pereira (2001, p. 13), “não se esqueça: o que você faz com o dinheiro é o que faz com sua vida!”

O real valor do dinheiro só é aprendido a partir do momento em que as pessoas ganham seu primeiro salário. O esforço necessário para produzir esse provento inicial dá ao trabalhador a dimensão das dificuldades que ele terá durante

sua existência e o fará perceber que quando desperdiça dinheiro, na verdade está desperdiçando o tempo de vida que dedica ao trabalho.

O resultado do processo de educação financeira traz como consequência liberdade e tranquilidade para a pessoa viver intensamente o aqui e agora com a habilidade da multiplicação, que continua garantindo no futuro a arte do bem viver. A educação financeira começa pelo significado dos valores das moedas e não termina enquanto a pessoa estiver viva e consciente. É preciso entender que o primeiro passo para se educar financeiramente é conhecer seu eu financeiro, saber para onde vai cada centavo do dinheiro.

A competência financeira é tão ou mais importante quanto a competência acadêmica e profissional. Não basta um emprego bem remunerado e seguro, mas é preciso garantir os anos depois da aposentadoria e isso exige uma educação financeira em grande escala. Segundo Kiyosaki e Lechter (2004, p. 249):

Na Era Industrial, tudo de que precisávamos era um bom emprego ou uma boa profissão. Na Era da Informação, necessitamos de duas habilidades fundamentais: uma para ganhar dinheiro e outra para investir dinheiro, de modo a garantir o futuro. Para desenvolver a segunda habilidade, a alfabetização financeira é fundamental.

4.5 CONSULTORIA FINANCEIRA FAMILIAR COMO FERRAMENTA UTILIZADA NA GESTÃO FINANCEIRA PESSOAL

4.5.1 *Conceito e surgimento da consultoria financeira familiar*

A consultoria financeira familiar é uma consultoria financeira personalizada com o objetivo de revelar às pessoas uma maneira mais racional de acumular bens e valores a longo prazo, levando em consideração sua personalidade e tudo aquilo que desejam conquistar na vida. Ela consiste em conduzir a família a alcançar o equilíbrio financeiro. Luquet e Assef (2006) mencionam que historicamente a função de consultor financeiro era exercida pelos gerentes de bancos, porém atualmente, grandes e pequenos investidores costumam cada vez mais buscar auxílio com consultores independentes que são indivíduos ou empresas especializadas em analisar a carteira de investimentos e dar conselhos sobre as melhores formas de gerir o orçamento e escolher aplicações para atingir seus objetivos.

Em decorrência da era da inflação constante, muita gente continua humilde e submissa, sem dar o devido valor ao seu dinheiro, geralmente ganha a duras penas. É hora de todos adquirirem uma consciência individual mais crítica, tentando alcançar uma vida melhor e mais digna. As pessoas precisam entender que, com a democratização do país e a globalização, tudo mudou, surgindo assim a necessidade dos serviços de consultoria financeira.

Faz parte do planejamento realizar previsões periódicas, pelo menos uma vez por ano, de modo a confirmar se certos investimentos e gastos são realmente necessários ou se deveriam ser eliminados, assim como para redefinir objetivos de curto, médio e longo prazos. Um espírito de autocrítica constante é desejável e aconselhável, especialmente quando há mudanças importantes no panorama econômico-financeiro ou quando condições pessoais se alteram. Conforme Frankenberg (2003, p. 32):

A ajuda de profissionais competentes e escolhidos criteriosamente, como contadores, advogados, gerentes de contas de instituições financeiras, planejadores financeiros, pode melhorar em muito o desempenho da planificação a longo prazo, pois eles agregam critérios técnicos e experiência à perseguição dos objetivos do indivíduo, do casal ou mesmo de um grupo familiar.

Muitas empresas estão preocupadas com a vida financeira de seus funcionários, tanto que, através de serviços de consultores financeiros pessoais, oferecem palestras voltadas para o controle do orçamento doméstico, dando dicas e orientações. O tema educação financeira e finanças pessoais tem se tornado dia após dia de grande valor educacional na vida financeira das pessoas, contribuindo significativamente com a qualidade de vida dos colaboradores e orientando-os a aprender um pouco mais sobre como administrar melhor aquilo que ganham.

Os ensinamentos dessas palestras ajudam a evitar baixo rendimento no trabalho, aumento no número de faltas motivadas por problemas financeiros, pedidos de auxílio financeiro aos departamentos de recursos humanos ou cooperativas para empréstimos frequentes, adiantamentos ou demissões para quitar dívidas e até acidentes decorridos por falta de atenção com as atividades. Além disso, é proposto o aprendizado contínuo sobre o consumo e crédito conscientes e a possibilidade de arquitetar financeiramente um projeto de vida que possa trazer um

futuro mais próspero, através de uma linguagem bastante didática e descontraída, cujo conteúdo é aplicado imediatamente no dia a dia de cada participante.

As empresas passam a ver a educação financeira e o planejamento financeiro como investimentos com retorno garantido ao fornecê-los a seus colaboradores, que passarão a assumir o controle sobre suas finanças pessoais, dando maior foco e concentração em suas atividades, além de passarem a valorizar aquilo que ganham, aprendendo a fazer mais com menos, diminuindo seu nível de endividamento a percentuais satisfatórios, evitando, com isso, um grande comprometimento de seu orçamento. Tornam-se também mais conscientes com os recursos da própria empresa e pensam de forma mais sustentável agora, não mais somente pelo lado ecologicamente correto, mas também financeiramente rentável, já que tudo o que pode ser economizado pode ter outro destino que são os investimentos.

4.5.2 De que forma a consultoria financeira ajuda as pessoas

Quem quer evitar ou já tem problemas financeiros procura um consultor financeiro. Controlar as próprias finanças não é uma coisa muito simples devido aos inúmeros imprevistos e incertezas da vida. A grande maioria das pessoas não tem autodisciplina para controlar e planejar suas próprias finanças. Um consultor poderá ajudar na organização pessoal e na tomada de decisões, especialmente, porque o mercado financeiro tornou-se mais dinâmico nas últimas décadas.

A consultoria financeira familiar é útil para quem não possui o nível de conhecimento e sofisticação para processar as questões financeiras cada vez mais complexas de hoje, principalmente quando uma pessoa tem que trabalhar, cuidar da família e deseja construir um patrimônio, ter tranquilidade financeira e garantir uma boa situação na hora da aposentadoria. Não há hora certa para contratar um consultor financeiro, porém há ocasiões que podem colaborar com essa decisão, ou porque as coisas vão indo bem ou não tão bem assim. O importante é saber que a consultoria financeira não deve ser procurada somente nas emergências, pois ela pode aumentar a confiança e as habilidades financeiras das pessoas, mesmo quando não parecer ser tão necessária.

Geralmente a maioria das pessoas só recorre a um consultor quando há alguma crise financeira: descontrole nas contas, dívidas, ausência de poupanças, dúvidas quanto a produtos financeiros, entre outras. O consultor financeiro auxiliará,

em primeiro lugar, a avaliar tudo acerca da vida financeira. Os passos seguintes serão fixar objetivos e metas, analisá-los, ver o mercado, montar a estratégia e monitorá-la. A abordagem da consultoria econômica familiar foca todo o sistema e não somente fazer cálculos orçamentários e planilhas. Tratar dos planos e desejos de cada um faz a família viajar em seus sonhos e é por aí que começa a mudança de hábitos e rotinas improdutivas.

O conhecimento perfeito das disponibilidades ou falta de recursos permite montar um orçamento visando solucionar problemas e atingir metas. O planejamento financeiro bem feito é indispensável à vida das pessoas porque possibilita saber, com antecedência, que caminhos estão sendo trilhados. E isso traz tranquilidade e menos estresse à vida das pessoas.

4.5.3 O que é importante na escolha do consultor

O consultor financeiro é como um médico das finanças. Um profissional qualificado para ajudar a analisar a situação das finanças pessoais e trabalhar para preparar um programa destinado a auxiliar no alcance dos objetivos e metas financeiras. Segundo Luquet e Assef (2006, p. 81), “para escolher seu consultor, no entanto, você precisa ser cuidadoso. Não entregue as finanças de sua família ao primeiro que aparecer. Verifique se ele é certificado pela Anbid (Associação Nacional dos Bancos de Investimento), seu currículo, seu histórico no mercado e peça muitas referências.” Profissionais que atuam em companhias de seguro especializadas em seguros de vida e saúde, entidades da previdência complementar privada, analistas e gestores de fundos de investimento, entre outros, podem oferecer excelente assessoria.

Um dos aspectos mais importantes para se tornar um bom planejador financeiro é saber escutar e tentar entender o que o cliente de fato deseja, pois pode ocorrer que o próprio cliente não saiba transmitir seus anseios e desejos. Há consultores que só atendem grandes fortunas e outros especializados em atender famílias de classe média. Ele pode auxiliar também na educação financeira da família, estabelecendo um controle de orçamento para todos.

Planejadores financeiros podem ter formação em contabilidade, economia, administração de empresas, advocacia, engenharia etc. Podem ainda ser analistas de diversos setores do mercado de capitais, banqueiros,

financistas, administradores de fortunas, atuários, matemáticos, especialistas em seguros etc. A formação acadêmica de um planejador financeiro, entretanto, é menos importante do que sua experiência profissional passada e atual, sua idoneidade e capacidade de compreender as necessidades e as peculiaridades de cada cliente em particular. O planejador financeiro deve ver as necessidades de um cliente holisticamente, como um todo, e não apenas de forma isolada em relação aos predicados do produto ou serviço que pretende aconselhar. (FRANKENBERG, 2003, p. 32).

Um profissional especialista em planejamento financeiro pessoal estuda e vive o ambiente das finanças pessoais, tendo conhecimento abrangente e atualizado para oferecer a melhor orientação, pois é pago para trabalhar exclusivamente em benefício do cliente.

Todo o conhecimento de um planejador financeiro aplicado às finanças gera incrementos de rentabilidade e eficiência na administração das finanças pessoais. Assim, o investimento na contratação de um profissional se paga facilmente, trazendo ganhos reais em termos financeiros e também em confiabilidade, pois se sabe que o dinheiro está sendo administrado da melhor maneira possível.

Pessoas que têm ou tenham tido sucesso financeiro na vida têm maior probabilidade de aconselhar do que outros, que há pouco tempo abraçaram a profissão de consultor financeiro. A experiência de um profissional vale ganhos e economia de tempo. Os planejadores financeiros podem receber honorários fixos ou trabalhar à base de comissões.

Na avaliação de Frankenberg (2003, p. 33):

Ter um consultor financeiro e, simultaneamente, uma pessoa de sua confiança a quem pedir uma opinião é ter o melhor de dois mundos, e deveria tornar-se uma constante em sua vida, de modo que você sempre possa medir as próprias considerações e deficiências com a opinião destas duas figuras.

4.6 CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A FEBRABAN (Federação Brasileira de Bancos) e a FELABAN (Federação Latinoamericana de Bancos) realizaram, dias 21 e 22 de outubro de 2010, em São Paulo, o 1º Congresso Latino-Americano de Educação Financeira.

Num momento em que, passada a crise internacional, boa parte dos países latino-americanos mostra sinais de recuperação, as entidades promoveram um

importante debate sobre o uso consciente do dinheiro e a orientação a respeito de produtos e serviços bancários. Afinal, com a crescente inclusão bancária ocorrida nos últimos anos nos países da região, a discussão a respeito desses temas é, hoje, imprescindível, para bancos, governos e entidades ligadas ao ensino público e privado.

O 1º Congresso Latino-Americano de Educação Financeira tratou de temas como educação financeira e cidadania, educação financeira nas escolas, relacionamento com públicos estratégicos e consumo consciente. Participaram do encontro especialistas brasileiros e internacionais, apresentando uma visão ampla e internacional sobre o cada vez mais importante tema da educação financeira.

O objetivo principal foi promover a conscientização da importância da educação financeira e criar um espaço regional para um diálogo abrangente entre os setores público e privado e a sociedade civil, para identificar prioridades e criar sinergias entre as várias redes, compartilhando as melhores práticas. O evento teve o patrocínio do Itaú, Santander, ANEFAC, entre outros.

Durante o congresso, Fábio Moraes, diretor da FEBRABAN, afirmou que o risco da inadimplência não é pelo aumento do crédito, e sim pela falta da educação financeira, que ainda é embrionária no Brasil. De acordo com ele, o crédito se expandiu bastante nos últimos anos, mas a educação financeira está começando a se difundir agora, e se a educação financeira não acompanhar a expansão do crédito, existe um risco de um endividamento descontrolado.

Levar a educação financeira a toda população brasileira, desde jovens até os idosos, se torna um desafio, considerando que existe uma carência educacional estrutural no Brasil. E, nesse processo, os bancos têm um papel fundamental, uma vez que concedem o crédito. A FEBRABAN lançou um portal de educação financeira, www.meubolsoemdia.com.br, onde os internautas podem acessar planilhas para controle de gastos, dicas de uso consciente do dinheiro e informações a respeito de produtos e serviços bancários.

Acompanhando toda essa mobilização em torno das questões financeiras que envolvem a vida das pessoas, comprova-se que o momento é de preocupação com a falta de habilidades financeiras da maioria e de oferecer ajuda para solucionar essas dificuldades, pois as alternativas de apoio estão se tornando presentes, bastando somente tomar a iniciativa de procurá-las.

5 CONCLUSÃO

Referente à gestão financeira familiar, deve-se levar em consideração que o fato de haver alguém na família responsável pelo controle das finanças, o gestor familiar, não significa que este deva conduzir ou decidir tudo sozinho, muito pelo contrário, pois esse é um assunto em que o grupo precisa se reunir para rever suas necessidades e colocar em prática um planejamento com objetivos e metas.

Elaborar um orçamento doméstico é muito simples, e para colocá-lo em prática é necessário adquirir o hábito de anotar todas as despesas e receitas. Para quem não sabe por onde começar, existem vários modelos disponíveis na internet e não é difícil encontrar fontes de orientação sobre como gastar menos. Além dos sites que possuem colunas específicas de finanças pessoais, jornais publicam periodicamente matérias com dicas de economia, e os órgãos de defesa do consumidor publicam dezenas de cartilhas que mostram como gastar menos. Muitas dicas são bastante óbvias, mas, apesar de óbvias, poucos as seguem. As pessoas costumam não dar importância aos pequenos detalhes que, como em qualquer outro planejamento, se não seguidos rigorosamente, podem influenciar nos resultados.

Há pessoas que simplesmente não conseguem resistir a certas tentações e sempre acabam gastando mais do que ganham. Algumas por falta de conhecimento e outras, pelo simples fato de se acomodarem, acham que ganham pouco e se apoiando nessa desculpa, nunca saem do endividamento. É claro que existem aqueles que realmente ganham pouco, porém para outros, mesmo ganhando muito não fará diferença. Aí é uma questão de educação.

O estudo realizado mostra que somente através de um orçamento e uma análise dos gastos (ver se realmente são necessários) e do conhecimento das alternativas de financiamento e de investimento (sempre há aquela que se encaixa melhor ao seu perfil), se conseguirá realizar uma eficiente gestão financeira familiar. Mas isso não é tudo, o maior desafio é a mudança de hábitos, tendo consciência sobre os benefícios que uma vida financeira equilibrada pode trazer.

A maioria das pessoas que se encontram em dificuldades, e não são poucas, simplesmente não possuem habilidades financeiras, mas também não procuram se atualizar, se educar, enfim, se ajudar. É necessário buscar a informação quando ela não vem até nós. Hoje, devido à tecnologia, é muito fácil obter ajuda para esclarecer

dúvidas. Só continua na ignorância financeira aquele que não enxerga a necessidade de se educar financeiramente.

A tendência é de que em breve a educação financeira faça parte da grade curricular de todas as escolas, pois há uma necessidade cada vez maior de conhecimento nessa área, sentida não só pela população, assim como pelos órgãos governamentais e pelas instituições financeiras. Ações como o 1º Congresso Latino-Americano de Educação Financeira que foi realizado recentemente, portais e projetos que foram criados, mostram que atitudes estão sendo tomadas. É interessante o engajamento de todos em fazer da educação financeira um benefício a que toda a população tenha acesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALUNOS terão educação financeira. *Diário do Grande ABC Digital*. São Paulo. 5 ago. 2010. Disponível em <<http://www.dgabc.com.br/News/5824607/alunos-terao-educacao-financeira.aspx>>. Acesso em: 9 ago. 2010.

ANEFAC. *Associação Nacional dos Executivos de Finanças*. Disponível em <<http://www.anefac.com.br/pesquisajuros/2010/setembro2010.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2010.

ARES, Benigno. *Imposto de Renda e Planejamento Financeiro*. fev. 2010. Disponível em <http://financenter.terra.com.br/Index.cfm/Fuseaction/Secao/Id_Secao/1102>. Acesso em: 4 set. 2010.

BM&F BOVESPA. *A nova bolsa*. Disponível em <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/iniciantes/mercado-de-acoes/planilha-de-orcamento-pessoal/planilha-de-orcamento-pessoal.aspx?idioma=pt-br>>. Acesso em: 31 out. 2010.

CERBASI, Gustavo. *Casais inteligentes enriquecem juntos*. 40. ed. São Paulo: Gente, 2004.

CERBASI, Gustavo. *Dinheiro: os segredos de quem: como conquistar e manter sua independência financeira*. 9. ed. São Paulo: Gente, 2003.

CERBASI, Gustavo. *Investimentos inteligentes: guia de estudo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009.

CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA. 2010, São Paulo. Disponível em <<http://www.febraban.org.br/Arquivo/Servicos/Eventoscursos/educacaofinanceira/index.asp>>. Acesso em: 1 nov. 2010.

D'AURIA, Francisco. *Enciclopédia do contabilista*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, [1956-1957]. 20 v

DISOP. *Instituto Disop de Educação Financeira*. Disponível em <<http://www.disop.com.br/>>. Acesso em: 17 out. 2010.

DOMINGOS, Reinaldo. *Educação financeira conquista escolas*. Disponível em <http://www.livre-se-das-dividas.com.br/artigos_sobre_educacao_financeira_conquista_escolas.asp>. Acesso em 17 out. 2010.

FAZER o orçamento familiar. Disponível em <<http://portal-gestao.com/financas/1482-fazer-o-orcamento-familiar.html>>. Acesso em: 13 set. 2010.

FEBRABAN. *Meu bolso em dia*. Disponível em <<http://www.meubolsoemdia.com.br/>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

FINANCENTER. *Seu guia de finanças pessoais*. Disponível em <<http://financercenter.terra.com.br/Index.cfm>>. Acesso em: 7 set. 2010.

FINOCCHIARO, Heloisa Ferraz. *Professor alerta: é preciso planejamento e conhecimento para investir*. São Paulo. 11 out. 2010. Disponível em <<http://web.infomoney.com.br/templates/news/view.asp?codigo=1963164&path=/suasfinancas/>> . Acesso em: 14 out. 2010.

FRANKENBERG, Louis. *Seu futuro financeiro: você é o maior responsável*. 12. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GASTOS Pessoais: Anotar despesa é arma de controle. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 ago. 2010. Economia, p. 19.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODFREY, Neale S.; EDWARDS, Carolina. *Dinheiro não dá em árvore: como introduzir seus filhos no mundo das finanças*. São Paulo: Jardim dos Livros, 2007.

IDEC. *Instituto brasileiro de defesa do consumidor*. Disponível em <<http://www.idec.org.br/>>. Acesso em: 09 out. 2010.

IGF. *Intelect Gerenciamento Financeiro*. Disponível em <<http://www.igf.com.br/advisor/consultoria.aspx#>>. Acesso em: 29 out. 2010.

INADIMPLÊNCIA é causada por falta de educação financeira, não por aumento do crédito. São Paulo. 25 out. 2010. Disponível em <<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/infomoney/2010/10/25/inadimplencia-e-causada-por-falta-de-educacao-financeira-nao-por-aumento-do-credito.jhtm>>. Acesso em: 1 nov. 2010.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. *Pai rico, pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. 63. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. *Profecias do pai rico: o que está por vir, como se preparar e lucrar mais*. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

LUQUET, Mara; ASSEF, Andrea. *Você tem mais...dinheiro do que imagina: um guia para suas finanças pessoais*. São Paulo: Saraiva, 2006.

MARTINS, Eliseu. *Contabilidade de Custos*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATTAR, Fauze Najib. *Pesquisa de marketing*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

PEREIRA, Glória Maria Garcia. *A energia do dinheiro: estratégias para reestruturar sua vida financeira*. 5. ed. São Paulo: Gente, 2001.

PORTAL DO INVESTIDOR. *Porque seu melhor investimento é o conhecimento*. Disponível em <<http://www.portaldoinvestidor.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2010.

SCHENINI, Paulo Henrique; BONAVITA, J. R.. *Finanças para não-financistas*. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2004.

SILVA NETO, Antonio Alexandre. *Lições sobre dívidas*. São Paulo. 6 dez. 2008. Disponível em <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/licoes-sobre-dividas/26751/>>. Acesso em: 25 set. 2010.

TOLEDO, Elaine. *Seu dinheiro vale muito: os segredos para equilibrar as contas da casa*. São Paulo: Alaúde, 2010.

TOLOTTI, Márcia; CERBASI, Gustavo. *As armadilhas do consumo: acabe com o endividamento*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

VIDA & DINHEIRO: *Educação Financeira*. Disponível em <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/Default.aspx>> . Acesso em: 16 out. 2010.

ANEXO A – Modelo de planilha de orçamento pessoal – BM&F BOVESPA

Mês		Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
		Valor	Valor	Valor	Valor	Valor	Valor	Valor	Valor	Valor	Valor	Valor	Valor
Receitas	Salário												
	Aluguel												
	Pensão												
	Horas extras												
	13º salário												
	Férias												
	Outros												
Total		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
Investimentos <small>Insira aqui o montante mensal que você destinará aos seus investimentos</small>	Ações												
	Tesouro Direto												
	Renda fixa												
	Previdência privada												
	Outros												
Total		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
% sobre Receita		#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!
Fixas <small>Aquelas que têm o mesmo montante mensalmente</small>	Habitação	Aluguel											
		Condomínio											
		Prestação da casa											
		Seguro da casa											
		Diarista											
		Mensalista											
	Transporte	Prestação do carro											
		Seguro do carro											
		Estacionamento											
	Saúde	Seguro saúde											
		Plano de saúde											
	Educação	Colégio											
		Faculdade											
		Curso											
	Impostos	IPTU											
		IPVA											
	Outros	Seguro de vida											
	Total despesas fixas		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	% sobre Receita		#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!
Variáveis <small>Aquelas que acontecem todos os meses, mas podemos tentar reduzir</small>	Habitação	Luz											
		Água											
		Telefone											
		Telefone Celular											
		Gás											
		Mensalidade TV											
		Internet											
	Transporte	Metrô											
		Ônibus											
		Combustível											
		Estacionamento											
	Alimentação	Supermercado											
		Feira											
		Padaria											
Saúde	Medicamentos												
Cuidados pessoais	Cabeleireiro												
	Manicure												
	Esteticista												
	Academia												
	Clube												
	Total despesas variáveis		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	% sobre Receita		#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!
Extras <small>São as despesas extraordinárias, para as quais precisamos estar preparados quando acontecerem</small>	Saúde	Médico											
		Dentista											
		Hospital											
	Manutenção/prevenção	Carro											
		Casa											
Educação	Material escolar												
	Uniforme												
	Total despesas extras		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	% sobre Receita		#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!
Adicionais <small>Aquelas que não precisam acontecer todos os meses</small>	Lazer	Viagens											
		Cinema/teatro											
		Restaurantes/bares											
		Locadora DVD											
	Vestuário	Roupas											
	Calçados												
	Acessórios												
Outros	Presentes												
	Total despesas extras		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	% sobre Receita		#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!	#DIV/0!
Saldo	Receita		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	Investimentos		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	Despesas fixas		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	Despesas variáveis		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	Despesas extras		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	Despesas adicionais		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
	Saldo		R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00

Fonte: BM&F BOVESPA (2010)

ANEXO B – Modelo de planilha de orçamento familiar mensal - FINANCENTER

ORÇAMENTO FAMILIAR - Mensal													
DESPESAS/SAÍDAS													
DESCRIÇÃO	Orçamento mensal	jul-10	ago-10	set-10	out-10	nov-10	dez-10	jan-11	fev-11	mar-11	abr-11	mai-11	jun-11
ALIMENTAÇÃO													
SUPERMERCADO e SACOLÃO													
ALIMENTAÇÃO FORA DE CASA													
HABITAÇÃO													
ALUGUEL													
CONDOMÍNIO													
ENERGIA ELÉTRICA													
TELEFONES e INTERNET													
VESTUÁRIO													
ROUPAS													
TRANSPORTE													
AUTOMÓVEL													
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS													
ASSISTÊNCIA À SAÚDE													
PLANO DE SAÚDE													
EDUCAÇÃO													
MENSALIDADES													
MATERIAL ESCOLAR													
RECREAÇÃO E CULTURA													
CINEMA / CLUBE													
REVISTAS / JORNAIS / LIVROS													
SERVIÇOS PESSOAIS													
FUMO													
DESPESAS DIVERSAS													
JOGOS E APOSTAS													
OUTRAS DESPESAS CORRENTES													
IMPOSTOS													
MESADAS E DOAÇÕES													
TARIFAS BANCÁRIAS													
EMPREGADA(O) DOMÉSTICA(O)													
AUMENTO DO ATIVO													
DIMINUIÇÃO DO PASSIVO													
1- TOTAL: DESPESAS / SAÍDAS	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
RECEITAS/ENTRADAS													
SALÁRIO													
APOSENTADORIA													
BENEFÍCIOS: ALIMENTAÇÃO, ETC													
DOAÇÕES RECEBIDAS													
EMPRÉSTIMO e FINANCIAMENTO													
2- TOTAL: RECEITAS/ENTRADAS	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
SALDO SOBRAS / (FALTAS)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
DIFERENÇA para o ORÇAMENTO	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: FINANCENTER (2010)